



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Fazer Educativo

Volume 20

**PEDAGOGIA SISTÊMICA: quem me
diz onde é a estrada?**

(autores)

Ana Patrícia da Silva M. Paton Viegas

Catarina da Graça Almeida Matos

Conceição Maria Alves Sobral

Cristiane Carvalho Holanda

Dário Gomes do Nascimento

João Wilame Coelho Graça

Kelma Socorro Lopes de Matos

Lívia Maria Duarte de Castro

Pricila Cristina Marques Aragão

Fazer Educativo

Volume 20

PEDAGOGIA SISTÊMICA: quem me diz onde é a estrada?

Kelma Socorro Lopes de Matos
Maria Saraiva da Silva
Henrique Cunha Junior
Estanislau Ferreira Bié
orgs.



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará

Fortaleza-Ceará

2018

Copyright © 2018 by INESP

Presidente

Thiago Câmpelo Nogueira

Assistente editorial

Andréa Melo

Revisão

Lucia Jacó

Marluce Studart

Marta Lêda Miranda

Projeto gráfico e diagramação

Mário Giffoni

Impressão

Gráfica do Inesp

Montagem

Carolina Molfese

Coordenação de impressão

Ernandes do Carmo

Edição Institucional da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

VENDA E PROMOÇÃO PESSOAL PROIBIDAS

Catalogado na Fonte por: Daniele Sousa do Nascimento CRB-3/1023

P371 Pedagogia sistêmica: quem me diz onde é a estrada? / organizadores, Kelma Socorro Lopes de Matos ... [et al.]. -- Fortaleza: INESP, 2018.

127p . ; 21 cm. -- (Fazer Educativo; 20)

ISBN:

1. Educação. I. Matos, Kelma Socorro Lopes de. II. Ceará. Assembleia Legislativa. Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado. III. Título. IV. Série.

CDD 370

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro, desde que citados autores e fontes.

INESP

Av. Desembargador Moreira, 2807

Ed. Senador César Cals de Oliveira, 1º andar

Dionísio Torres

CEP 60170-900 – Fortaleza - CE - Brasil

Tel: (85)3277.3701 – Fax (85)3277.3707

al.ce.gov.br

Apresentação

Como bem expuseram seus organizadores, esta Coleção é uma maneira de confrontar experiências sobre o fazer educativo. Sugere revitalizar a educação e despertar os agentes escolares para a realização de diferentes e necessárias propostas educacionais. É exatamente por essas características que a obra vem preencher um vazio existente no cenário das publicações atuais da área. Sua meta é ousada, mas plenamente possível: a transformação e transposição de conhecimentos para a justiça social.

Organizada pelos doutores Estanislau Ferreira Bié e Henrique Cunha Júnior e pela mestra Maria Saraiva da Silva, a Coleção O Fazer educativo conta com 20 variados e inéditos títulos assinados por pesquisadores e docentes e será disponibilizada em formato digital, o que a torna, ainda, mais atual e possibilita um alcance bem maior de leitores.

Trabalhando para qualificar o debate em torno da educação e das demais questões de interesse público, a Assembleia Legislativa do Ceará, por meio do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp, disponibiliza esta obra à população cearense com o intuito de divulgar as experiências acadêmicas, estimular mais as produções e levar a sociedade a uma reflexão mais profunda sobre o fazer educativo.

Dep. José Albuquerque

Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

Conselho Editorial Científico

Dr. Alcides Fernando Gussi
**Universidade Federal do Ceará –
UFC**

Dra. Clarice Zientarski
**Universidade Federal do Ceará –
UFC**

Dra. Dawn Duke
University Tennessee/EUA – UT

Dr. Estanislau Ferreira Bié
**Universidade Federal do Ceará –
UFC**

Dr. Henrique Cunha Junior
**Universidade Federal do Ceará –
UFC**

Dr. Ivan Costa Lima
**Universidade da Integração In-
ternacional da Lusofonia Afro-
-Brasileira-UNILAB**

Dr. João Batista de Albuquerque
Figueiredo
**Universidade Federal do Ceará –
UFC**

Dr. João Marcus Figueiredo Assis
**Universidade Federal do Estado
do RJ - UNIRIO**

Dr. Moacyr Gonçalves de Aquino
Junior
**Universidade de San Lorenzo -
UNISAL**

Dr. Nardi Sousa
**Universidade de Santiago/Cabo
Verde – US**

Dr. Oséias Santos de Oliveira
**Universidade Tecnológica Federal
do Paraná – UTFPR**

Ma. Ana Cláudia Silva Farias
**Universidade de Fortaleza – UNI-
FOR**

Ma. Maria Saraiva da Silva
**Universidade Federal do Estado
do RJ – UNIRIO**

Ma. Samia Paula dos Santos Silva
**Universidade Federal do Ceará –
UFC**

Ma. Marlene Pereira dos Santos
**Universidade Federal do Ceará –
UFC**

Ma. Maria Socorro Pimentel
**Universidade Federal do Ceará –
UFC**

Me. Theóphilo Michel Á. Cabral
Beserra
**Universidade Federal do Ceará –
UFC**

Raul Monte dos Anjos
**Universidade Federal do Ceará –
UFC**

Esp. Francisco Valdemy Acioly
Guedes
**Universidade Federal do Ceará –
UFC**

Esp. Solange Lima Simão Bié
**Instituto Superior de Ensino Sem
Fronteiras – ISESF**

Esp. Edivar Barbosa dos Santos
**Instituto Superior de Ensino Sem
Fronteiras – ISESF**

**A Coleção do Fazer Educativo foi
avaliada e facultada por colabora-
ção ad hoc.**

Prefácio

Refletir sobre os caminhos e descaminhos da educação, realizar um intercâmbio de experiências bem sucedidas relacionadas à área, e pensar novas formas de obtenção de conhecimento formam o tripé de ações que devem passar por atualizações constantes.

A Coleção "Fazer Educativo" vem cumprir esse papel e ainda pretende ir além, quando propõe despertar os agentes escolares para a realização de diferentes e necessárias propostas educacionais. Com meta arrojada, mas possível, a coleção visa à transformação e à transposição de conhecimentos para a promoção da justiça social.

A Assembleia Legislativa do Ceará, por meio de seu Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp disponibiliza esta obra à população cearense, com o intuito de divulgar as experiências acadêmicas, estimular mais produções e levar a sociedade a uma reflexão mais profunda sobre o fazer educativo.

Thiago Campêlo Nogueira

*Presidente do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp*

Coleção do Fazer Educativo

Fazer a educação dos conhecimentos cognitivos, tornar-se o fazer educativo na rotina das transposições desses históricos conhecimentos para professores e estudantes na atualidade suscitará várias modalidades didáticas e um currículo que corresponda aos desafios sociais, políticos e culturais na atual conjuntura do Estado brasileiro.

Os desafios à sociedade brasileira, em sua diversidade regional e de característica peculiares, frente à organização metodológica da educação em que a política partidária determina o que se deve ensinar e o que se deve aprender, a "Coleção do Fazer Educativo", com vinte títulos compostos em coletâneas de artigos produzidos por pesquisadores docentes e discentes de cursos de pós-graduação *stricto-sensu* têm por objetivo apresentar os caminhos e descaminhos percorridos pelas propostas para o desenvolvimento da educação no Brasil, em suas diversas modalidades nas alíneas da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB 9394/1996 e alterações decorrentes das ações que suscitaram políticas públicas de alcance às demandas sociais ignoradas e às especificidades didáticas e curriculares para grupos, anteriormente, excluídos.

Para a construção dessa tarefa, em primeira instância, houve a motivação de um grupo de professores na busca por uma agência que se prontificasse a editar uma coletânea de atualização educativa que tenha, em seu conteúdo, as expressões das experiências de pesquisadores, orientadores e estudantes agentes na educação escolar e universitária.

Frente a isso, e da união de vários atores-autores, surgiu a idealização de rever e atualizar questões que per-

meiam vontades docentes sobre as histórias e amplitudes do fazer educativo, intentando oferecer progresso às instituições, e ao progresso da nação brasileira o resultado de anseios de professores, através do conhecimento que possuem, e da doação a quem o busca, e esses, posteriormente, darão de si àqueles/as que se tornarão estudantes, pesquisadores e profissionais em uma teia das forças de trabalho nas profissões diversas das quais o país necessitar, tendo em vista o que conquistaram.

Nesse caso, a conquista dos títulos universitários é resultado de anos de dedicação aos estudos, pesquisas e práticas. Sonho de alguns, meio caminho para outros e realização de poucos. A publicação das produções intelectuais da pesquisa tem custos pessoais de elaboração, revisão, impressão de artigos, pôsteres e participação em seminários e congressos. A elaboração, edição e publicação de um livro, então, é um desafio que só pouquíssimos irão superar, pois, é um processo que precisa ser bem elaborado e reelaborado.

Por haver tantos pormenores, é que a Coleção do Fazer Educativo surgiu, inicialmente, como idealização dos professores e das professoras, dos organizadores Dr. Estanislau Ferreira Bié, Dr. Henrique Cunha Junior e Ma. Maria Saraiva da Silva como proposta de revisão e revitalização da educação na diversidade comunitária, motivando gestores, educadores e educandos à realização de diferentes propostas educacionais pelo confronto de experiências.

Essa coleção em sua variedade de temas enseja segundo os/as organizadores/as chegar às mãos de profissionais da educação e comunidade para que os conteúdos, definidos de forma simples, tenham alcance múltiplo nos sistemas de ensino e que o fazer didático dos docentes possa está amparado por bases teóricas sólidas.

Os títulos, além de revisões da história da educação brasileira, contemplam temas inéditos que se adequam ao tempo presente, em que os docentes necessitam apropriar-se de saberes convergentes com as culturas e conjunturas dos meios sociais e educacionais e os modifiquem.

As coletâneas foram estruturadas por trinta organizadores (professores doutores, mestres e especialistas) e duzentos e oitenta e oito autores, com trabalhos provenientes de várias universidades com os quais chamam a atenção para a leitura envolvente que permeia saberes e fazeres experienciados. São condutas curriculares que, por suas posturas, se apresentam na história e memórias educativas como caminhos a seguirem, se modificando, quando novos conhecimentos forem desenvolvidos, aprendidos e ensinados.

Da educação de crianças, a educação com adultos, as pedagogias e as docências são apresentadas com o intuito de que o fazer educativo seja o fazer da paz interior, o fazer das memórias históricas, o fazer da sociabilidade nas diversidades, o fazer dos diálogos na construção das políticas educativas, o fazer de sociedades e meios de ambientes saudáveis.

A Coleção do Fazer Educativo, como projeto de ampliação dos olhares didáticos para as concepções pedagógicas, tem por meta a transformação e transposição de conhecimentos, em vista da justiça social a partir das avaliações dos contextos atuais das instâncias educacionais.

Compreendemos que a justiça social para a educação em estado democrático de direito no caso do Brasil, não tem alcançado as propostas construídas há décadas, tendo dentre as causas, as transmutações políticas partidárias que definem constantemente as posições para cada seguimento de ensino. São idas e vindas que avançam e por vezes retrocedem carecendo de aportes firmes que sustentem os conjuntos de manifestações empíricas que constam nas vontades dos educadores em estabelecer mudanças no pensar a educação desde a graduação nas licenciaturas às escolas na prática docente.

O Fazer Educativo requer do/as docentes decisões de embarcar na história social e política da educação. É um convite ao ponto crucial do que se pretende realizar com e para os/as educandos, pois, educar pressupõe amar-se e amar. Dar e receber. Tornar-se responsável pela motivação

do aprendizado de quem sem apoio familiar e social espera da escola e dos/as professores/as o melhor.

Educar para um mundo de tomada de decisões, de participação e construção de uma nova sociedade em que a dignidade, o respeito, e o amor nasçam, floresça e dêem os frutos da prosperidade.

Os organizadores

Sumário

CAPÍTULO 01	17
PEDAGOGIA SISTÊMICA: uma nova episteme para um novo tempo - Ana Patrícia da Silva Mendes Paton Viegas / Kelma Socorro Lopes de Matos	
CAPÍTULO 02	29
EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE: a pedagogia sistêmica no cotidiano acadêmico e suas reverberações - Pricila Cristina Marques Aragão / Kelma Socorro Lopes de Matos	
CAPÍTULO 03	43
EXPERIÊNCIA FORMATIVA NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA SISTÊMICA: despertando para o autoconhecimento, o humanizar e a convivência - Livia Maria Duarte de Castro / Kelma Socorro Lopes de Matos	
CAPÍTULO 04	53
PEDAGOGIA SISTÊMICA E A CONSTRUÇÃO DA AUTENTICIDADE DO SER HUMANO NO ATO DE EDUCAR - Dário Gomes do Nascimento / Kelma Socorro Lopes de Matos	
CAPÍTULO 05	66
VIVÊNCIAS EM PEDAGOGIA SISTÊMICA: o afeto veio para a aula - João Wilame Coelho Graça / Kelma Socorro Lopes de Matos	

CAPÍTULO 06	75
FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA UMA EDUCAÇÃO SISTÊMICA: um relato de experiência e suas descobertas - Catarina da Graça Almeida Matos	
CAPÍTULO 07	86
PEDAGOGIA SISTÊMICA E CULTURA DE PAZ - Cristiane Carvalho Holanda	
CAPÍTULO 08	104
EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE: reflexões sobre a pedagogia sistêmica e sua implicação na formação docente - Conceição Maria Alves Sobral	

Introdução

*O caminho se faz entre o alvo e a seta
E nas noites brilhantes as palavras voavam
E eu via que o céu me nascia dos dedos
E a ursa maior eram ferros acesos
(...) E a cidade vazia
Da cor do asfalto
E alguém me pedia que cantasse mais alto
(Pedro Abrunhosa)*

No semestre letivo de 2016.2 ministrei a disciplina "Educação e Espiritualidade" no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, na Faculdade de Educação (FACED), da Universidade Federal do Ceará. Apresentei vários temas sobre, como indica o título da disciplina, uma educação em que os valores humanos, a cultura de paz, a formação do caráter são diálogos fundamentais para a formação do educador. Além disso, convidei os participantes a conhecerem a Pedagogia Sistêmica, por acreditar que essa também é uma forma de construir a cultura de paz nas escolas, nas universidades, nos espaços em que a educação pode ser honrada.

Os encontros eram realizados uma vez por semana, nas terças-feiras pela manhã, com uma turma entre quinze a vinte discentes (estudantes de pós-graduação e alunos ouvintes). Inicialmente, fazíamos uma harmonização para receber o grupo, em seguida trabalhávamos os textos, fazíamos um lanche coletivo, em sala de aula, e, por fim, seguiam-se as vivências da Pedagogia Sistêmica e as harmonizações finais. Foi um período de muito estudo, co-

nhecimento, autoconhecimento, integralidade e grandes descobertas.

Além das aulas teórico-práticas, solicitei que todos, ao final da disciplina, apresentassem um texto refletindo sobre: 1). O que é Pedagogia Sistêmica? 2). Vivencialmente, como a disciplina contribuiu com a sua prática pedagógica? 3) O que desse aprendizado pode ser aplicado em sala de aula. Assim, o resultado das produções apresentadas é aqui partilhados em forma de ideias de como a escola e a universidade podem ser vividas.

A Pedagogia Sistêmica traz um novo olhar aos processos educativos, comprovadamente, bem-sucedida, oferece uma nova compreensão sobre alunos, pais, escola, comunidade. Além do livro "Você é um de nós" (FRANKE-GRICKSCH, 2005) que retrata o saber sistematizado pela autora, na sua prática docente com alunos em uma escola na Alemanha, no Brasil é destacado por Tarso Firace (2013) o "Projeto Ecologia do Ser", realizado em Nerópolis e Nova Veneza, no interior de Goiás, em que fica clara a mensagem de que quando nos alinhamos com o "nosso propósito de vida" o fluxo criativo nos conduz, de forma leve e certa. São essenciais, ainda, os aprendizados trazidos por Guedes (2012) sobre como se inicia e continua a trajetória escolar de diversas pessoas, à luz da pedagogia sistêmica.

Portanto, a inclusão das pessoas, o respeito aos saberes familiares, o entendimento das ordens, a honra aos pais, a inclusão da família no ambiente escolar, o trabalho com valores humanos, o respeito aos nossos parceiros de vida são lições para a nossa ação educadora, para o nosso construir cotidiano em que podemos escolher em nos tornarmos cada vez mais humanos e acolhedores.

Os organizadores

Capítulo 01

PEDAGOGIA SISTÊMICA: uma nova episteme para um novo tempo

Ana Patrícia da Silva Mendes Paton Viegas¹

Kelma Socorro Lopes de Matos²

1. Introdução

Nesse estudo propomo-nos a dissertar acerca da pedagogia sistêmica, analisando alguns pressupostos dessa abordagem e sua importante contribuição ao trabalho docente, tendo em vista a necessidade de humanização e ressignificação do papel da escola, frente às demandas do mundo hipermoderno (LIPOVETSKI, 2004), em seus modos de representação, sociabilidade, linguagem e legitimação caracteristicamente fluidos, céleres e pautados na cultura do excesso e da indiferença aos valores societários amplos. Iniciaremos refletindo sobre os papéis da escola, da academia e da ciência. Em seguida, abordaremos a origem da pedagogia sistêmica e seus aprendizados, culminando com a necessidade por ressignificar nossas práticas educativas na escola e na sociedade.

1 Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Especialista em Psicologia Aplicada (UFC) /Psicomotricidade (UFC) e Educação Especial (UFC), graduada em Fisioterapia (UNIFOR) e Biologia (UECE), Pesquisadora do Grupo Cultura de Paz, Juventudes e Docentes, Coordenadora escolar na rede municipal de Fortaleza. E-mail: patriciapaton.viegas@gmail.com

2 Professora Associada IV do Departamento de Fundamentos da Educação – FACED - Universidade Federal do Ceará (UFC) e do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC, Líder do Grupo de Pesquisa Cultura de Paz, Espiritualidade, Juventudes e Docentes (UFC/CNPQ). Mestre e Doutora em Educação Brasileira pela UFC, Pós - Doutora em Educação pela Universidade Federal do Bahia (UFBA), Coordenadora do Projeto de Extensão “Cultura de Paz na FACED” Consteladora familiar. Mestre em Reiki. Formada pela Escola Dinâmica Energética do Psiquismo – DEP. E-mail: kelmatos@uol.com.br

2. Precisamos repensar o mundo e a escola que queremos

Vivemos uma era de profundas crises. Todas as eras encerram suas formas de dores sociais e emocionais. No entanto, parece que vivemos atualmente a maior crise paradigmática de todos os tempos, pelo fato ímpar de possuímos tecnologia e competência para dizirmos a vida. Por outro lado, a crise pode significar mudança e recomeço, como assevera Freire (1987), ao frisar a importância da inserção humana na história: ação humana de emancipação a partir das situações-limite. Influenciada por esse contexto de complexas questões sociais e culturais, a escola é desafiada a propor uma nova lógica de pensamento e posicionamento que questione o modelo hegemônico de organização social.

Refletir sobre o papel da escola e dos que a fazem contribui para que possamos desnudar as contradições inerentes ao sistema de dominação e alienação, possibilitando a reflexão crítica sobre a qualidade da formação dos educadores, para a desafiante tarefa de propor a esperança da vontade perante o negativismo tão em voga.

É preciso pensar seriamente a formação profissional do trabalhador da educação, na busca de aproximar a teoria da realidade. Para além disso, é preciso traduzir eticamente a existência, buscando formas cada vez mais coerentes de ação no mundo: uma práxis ética no continuum teoria-ação para a emancipação humana. Concordamos com Freire (1987), ao postular a necessidade de existir coerência entre o que se diz e o que se faz, no ato de educar. A coerência que gera valor, a coerência que inspira contextos de colaboração e edifica ambiências para comunidades de prática.

Sob tal enfoque, é necessário pensar a formação do professor refletindo na sua capacidade de ressignificar as

desafiadoras experiências no dia a dia da escola. Entender a natureza integral do indivíduo que ensina e aprende é essencial para a superação de práticas pedagógicas vazias, estéreis e destituídas de significado, servindo aos propósitos de dominação e exploração, defendidas pelo sistema injusto e disfuncional em que vivemos. Essa compreensão é libertadora e revolucionária, ao dotar a escola do poder de contribuir como instrumento de emancipação e crescimento humano, investindo na formação de pessoas mais felizes, responsáveis, conscientes e solidárias. Esse modelo de racionalidade estabelece o nexu entre o pensamento e a ação como elemento de libertação individual, combinada com a libertação social (REY, 2017).

É urgente traduzir humanitariamente a ciência, a academia e a escola a serviço da vida e da promoção do bem-estar social. Boaventura de Sousa Santos (1995) elucida essa premissa, ao propor um paradigma científico denominado de “um conhecimento prudente para uma vida decente”. Esse paradigma estrutura-se na ideia da prudência do conhecimento e do modelo social de uma vida decente, seguindo quatro princípios: 1º) todo conhecimento científico-natural é científico -social; 2º) todo conhecimento é local e total; 3º) todo conhecimento é autoconhecimento; 4º) todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum. Essa é uma forma de episteme mais refinada e condizente com as necessidades de uma nova era e mentalidade, compreendendo o papel do conhecimento em sua função humanizante.

A pedagogia tradicional é incompatível com o modelo emergente de conhecimento e de organização social. Uma nova concepção de escola, relações, vínculos e sociabilidade advém da nova compreensão, incitando à integralidade e ao sistêmico. A pedagogia sistêmica surge como alternativa às demandas desse novo paradigma.

3. A origem da Pedagogia Sistêmica

Para compreender a Pedagogia Sistêmica é necessário conhecer noções da Constelação Sistêmica Familiar, originada a partir dos trabalhos do filósofo e professor alemão Bert Hellinger (2006). Filósofo, teólogo e pedagogo, Hellinger trabalhou durante 16 anos como membro de uma ordem missionária católica entre os zulus na África do Sul. Sua formação e sua atividade terapêutica envolviam diversas abordagens: psicanálise, dinâmica de grupos, terapia primal, análise do *script*, hipnoterapia e finalmente a terapia familiar, a partir da qual desenvolveu o seu método revolucionário das constelações sistêmicas, aplicadas também a problemas empresariais e a conflitos étnicos. A partir de suas vivências terapêuticas, Hellinger descobriu a natureza da consciência pessoal e certas leis inconscientes que ditam o comportamento humano em grupos familiares e sociais, as quais denominou "Ordens do Amor", também denominadas "Leis da Vida." Tais leis são inerentes ao intelecto, à razão e à cultura. Segundo Guedes (2012), são três as leis:

3.1. Lei de Pertencimento

Todos possuem o direito a pertencer ao sistema familiar, mesmo os que tenham atos reprováveis. A lei do pertencimento irrefutavelmente inclui a tentativa de exclusão que ocasiona um efeito colateral em todo o sistema familiar, gerando dor e sofrimento às próximas gerações. É a lei da inclusão que leva à segurança e à paz.

3.2. Lei da Compensação

É a lei da justiça e do equilíbrio em dar e receber. Em todo sistema existe a necessidade profunda de estabilidade, uma força reguladora que mantém o equilíbrio entre

as pessoas que estão fazendo parte de uma relação, seja afetiva, de trabalho ou em comunidade.

3.3. Lei da Ordem

Referente à ordem nas posições, com o lugar que cada um ocupa no sistema, os filhos sempre serão os pequenos diante dos pais, ou seja, a descendência possui sempre ordenamento decrescente. A hierarquia estabelecida é de acordo com a chegada, ou seja, tem precedência quem chegou antes. Os pais chegam antes que os filhos, não sendo permitido aos filhos ocupar-se das questões inerentes aos pais.

A partir do conceito de interconsciência e da dimensão totalizante do conceito de “grande alma”, presente nos sistemas, Hellinger defende que servimos às nossas famílias e tentamos inconscientemente compensar culpas e sofrimentos das gerações anteriores. De tal forma, a postura fundamental deve ser a de respeito, humildade e amor, abandonando a cultura do julgamento, da segregação e da exclusão, como forma de desvencilhar-se dos “emaranhados” no destino dos membros do sistema familiar.

A abordagem sistêmico-fenomenológica proposta por Hellinger (2006), lida, muitas vezes, com “conteúdos biológicos, simbólicos, emocionais e psicológicos humanos tão antigos que as regras culturais e modelos sociais nem sempre alcançam tal realidade” (HERMANN E BOVO, 2012). Nessa abordagem, o intelecto é ineficiente, pois a mente ainda não percebe ou não conhece todos os níveis da realidade ou fenômeno. O terapeuta deve estar a serviço e compreender sua ignorância diante do quadro sistêmico, atuando com profundo respeito e compaixão, abolindo posturas de julgamento. Portanto, diferentemente da abordagem sistêmica construtivista, na abordagem fenomenológica não existe um fluxograma metodológico estruturante. Nesse ponto, surgiu o conceito de campo morfogenético

e de ressonância mórfica, ou causação formativa (SHELL-DRAKE, 2014) o qual une as mentes de todos os indivíduos de uma espécie, incluindo o ser humano, formando parte de um mesmo campo mental planetário. Esse campo afeta as mentes dos indivíduos e as mentes desses indivíduos também afetam o campo. A partir desses conhecimentos, diversos professores iniciaram sua aplicação na dimensão educativa. A contribuição mais relevante foi realizada por Mariane Franke-Gricksh, que escreveu um livro denominado "Você é um de Nós" sobre sua experiência docente com estudantes numa escola na Alemanha.

A Pedagogia Sistêmica iniciou-se em 2000. Nesse enfoque, o pedagógico baseia-se na vida e em um sistema que se inter-relaciona, constantemente, um com o outro: sistema educativo, sistema familiar e sistema social. A pedagogia sistêmica compreende os educandos em suas inter-relações com seus sistemas familiares e com os sistemas familiares dos educadores. Nessa perspectiva, a escola e a sala de aula possuem uma "alma", ou seja, ressoam constantemente, gerando vórtices de energia. Segundo Firace (2013) é de interesse do educador sistêmico buscar a sintonia com essa grande alma, percebendo as características de aprendizagem próprias de cada ordem, manifestas nas tipificações dos indivíduos Alfa, Beta e Gama³.

Na pedagogia sistêmica, o conceito de ordem no relacionamento aluno-educador é fundamental, potencializando o processo de aprendizagem e gerando contextos mais criativos de experimentação da liberdade, possibilitando ambiência fértil para a autonomia construída no grupo. O professor é um ser de horizontalidade (democrático) e respeito, compreendendo o papel do seu aluno na família como um ato de bravura, de amor e de heroísmo para com

3 Firace traz em seu livro "Pedagogia Sistêmica -Depois da Última Curva do Rio, o Começo: Adulterar" a tipologia das personalidades Alfa, Beta e Gama. Segundo o autor, mais do que tipologia, Alfa, Beta e Gama são descrições das cargas emocionais de suas famílias.

seu sistema. O olhar do educador, longe de ser de consternação, é de respeito à potencialidade do ser que está em construção, e que é capaz de criativamente superar-se.

O ato pedagógico sistêmico constitui um ato de afirmação pessoal, para além da visão individualista e fragmentária da lógica tecnocrata tradicional. O educador constrói a unidade na diversidade, contribuindo com os sujeitos da comunidade escolar a partir da comunicação dialógica (FREIRE, 1987), substanciada na prática pedagógica como um ato cultural e de assunção à história pessoal, ancestral e da comunidade.

Nessa perspectiva, o professor necessita buscar no "adultecer" os elementos de formação para ser, de fato, líder e inspirador de seu grupo, mesmo com o quadro desfavorável de violência estrutural, econômica, simbólica e institucional que cerca a sua profissão.

Adultecer na perspectiva sistêmica é ser expressão do amor adulto que compreende a magnitude da tarefa de educar, enquanto ação de contínua aproximação da iluminação e do aprendizado, como pulsão vital para a vivência do respeito por toda forma de destino e de vida. Esse é o "*Learning Design*⁴" que customiza o ato de apreender o mundo com sabor e significado, rompendo com o dualismo polarizante ensinar-aprender, e instaurando uma gramática profunda em que em um único movimento "coloca tanto quem ensina como quem aprende no centro do movimento" (FIRACE, 2013, p. 63). Assim, aprender é um ato profundamente colaborativo, social, dialógico e ressonante, gerando vórtices de energia na busca do estado de presença, condição para a vivência do estado de totalidade.

Na perspectiva sistêmica, o caminho para a totalidade começa no corpo, que traz condensado todo o conheci-

4 Learning Design - Processo de aprendizagem que permite que o aluno consiga alcançar os resultados desejados por meio de um processo centrado no ser humano e orientado por metas.

mento do sistema ancestral (FIRACE,2013). Esse sistema, como parte de um sistema maior, traz todo conhecimento do universo. Experimentar a totalidade é estar imerso na observação. Observar é inteireza e presença. O educador sistêmico compreende que o real ato de observar é não julgar e “aceitar que o que é observado pode ser o que é” (FIRACE, 2013, p. 25). O estado de presença permite estar atento a si e ao outro.

Aprender na inteireza e no estado de presença é ressignificar a lógica que conduz as práticas pedagógicas nas escolas tradicionais.

4. Na escola, o ressignificar para humanizar

Gricksch (2009) reconhece a existência de uma “alma” na organização escolar. Segundo a visão sistêmica, existem fronteiras flexíveis entre a estrutura e a vida que preenche a organização, tornando o sistema escolar, a escola, a classe... um organismo vivo que é mais do que a soma das suas partes. Gricksch (2009) também afirma que dentro da estrutura ocorre outro fenômeno: a constituição de autoestruturas, com dinâmicas autônomas, com forte sentimento de solidariedade e autoguiada para o equilíbrio. Ou seja, toda estrutura influencia e é influenciada pelos indivíduos presentes em sua organização. Esse princípio de recursividade e dialogicidade (MORIN, 2006) geram subsistemas individuais que afetam uns aos outros, redefinindo diariamente o papel do professor e dos alunos. A racionalidade presente nessa interpretação supera o mito da separatividade, exigindo formas de análise, tradução e ação pedagógicas forçosamente comprometidas com a integralidade e a totalidade. Como já exposto na seção anterior, a visão do professor acerca do aluno e de sua família é de acolhimento e respeito ao destino de cada sistema, e

como tal, está a serviço e disponível ao diálogo, aceitando o dissenso e o diferente.

A escola torna-se espaço que se empenha na busca de práticas democráticas, muito embora reconheça o estado de democracia restritiva em que se assenta a organização social maior. Nessa perspectiva, a escola é local de resistência, objetivando a vivência de um modelo de sociabilidade que supere o paradigma dominante e que se comprometa com a ação social para a emancipação humana.

5. Considerações finais

Os gestores e professores possuem papel fundamental no acolhimento da abordagem sistêmica, tanto no fazer pedagógico como na qualidade da convivência nas escolas públicas. A partir dessa afirmação, algumas questões surgem:

1. Qual o impacto da abordagem sistêmica no tratamento do currículo, do conteúdo e das relações escolares?
2. De que forma esses efeitos vividos impactariam os "determinantes" estruturais da sociedade, gerando um novo modelo de sociabilidade?
3. Como esse modelo contribuiria na constituição de um PODER DE AUTONOMIA que se expressaria como um ato de resistência, ou seja, como expressão criativa de produção cultural e social?

Esses são questionamentos que merecem ter desdobramentos, talvez num futuro próximo. Por hora, um desejo ressoa: que a natureza do trabalho sistêmico se expanda morficamente no empoderamento dos professores, dos alunos e da comunidade escolar, reconhecendo a comunidade como um organismo vivo e cheio de possibilidades: escola como local de organização cultural, de organização social e

de resistência ao modelo tecnocrata tradicional e excludente. Portanto, a pedagogia sistêmica é pedagogia inclusiva! A pedagogia sistêmica e inclusiva é educação para a paz! A pedagogia sistêmica, inclusiva e de educação para a paz constroem uma CULTURA DE PAZ!

Há, portanto, grandes contribuições da pedagogia sistêmica para a prática pedagógica: no senso de cooperação, no respeito à história do educando, no ensino colaborativo e diversificado, na perspectiva dialógica de comunicação, no valor da multiculturalidade, no tratamento produtivo dos conflitos, na problematização e visão teórica totalizante, na intervenção pedagógica centrada na potencialidade, na vivência das habilidades sociais, no respeito ao ritmo de cada ser, na atitude positiva dos professores com relação às famílias, no empoderamento da comunidade (contribuindo com outras comunidades pelo processo de ressonância de ondas), na constituição de ambiências de ordem (na perspectiva sistêmica) e, conseqüentemente, na constituição de ambiências promotoras da paz.

A paz como um processo em constante construção é essencial. Comprometer-se com a educação para a paz, formando o ser em sua inteireza e dispondo-se a desbravar novas formas de caminhar na educação não é tarefa simples, mas possível e urgente. É preciso cultivar a paz, promovendo uma educação em valores a serviço da vida. Nas palavras de Matos e Castro (2016, p.47):

Necessitamos cada vez mais de educadores abertos ao novo, percebendo que, mesmo diante de dificuldades, é possível apreciar e, sobretudo, praticar o ensino de valores, compreendendo que a educação deve voltar-se para a formação do ser integral, abrangendo vários aspectos, sejam intelectuais, sejam afetivos.

São muitas as contribuições da pedagogia sistêmica para a prática pedagógica e para além dela, na formação humana dos indivíduos presentes na

estrutura escolar. Lançamos então esse novo olhar para futuros estudos, com a certeza que a pedagogia sistêmica trará excelentes contribuições para nossas relações com os alunos e com a comunidade escolar.

Referências

- FIRACE, Tarso. *Pedagogia sistêmica: depois da última curva do rio, adultecer*. 1ª. ed. Editora Abrindo as Velas. 2013
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1987.
- FRANKE, Gricksch Marianne. *Você é um de nós: percepções e soluções sistêmicas para professores, pais e alunos*. 2ª. ed. Patos de Minas, Editora Atman, 2009.
- GUEDES, Olinda. *Pedagogia sistêmica: o que traz quem levamos para a escola?* 1ª. ed. Curitiba: Editora Appris, 2012.
- HELLINGER, Bert. *Um lugar para os excluídos: conversas sobre os caminhos de uma vida* / Bert Hellinger, Gabriele Tem Hövel; tradução de Newton A. Queiroz. -1ª. ed. Patos de Minas: Editora Atman, 2006.
- HERMANN&BOVO, *Constelações Sistêmicas: Fenomenológicas ou Estruturais?* em: <<http://www.consteladores-sistemicos.com/publicacoes/67-constelacoes-sistemicas-fenomenologicas-ou-estruturais-walther-hermann-e-viviani-bovo>>. Acesso em 10 de Junho de 2017.
- LIPOVETSKI, Gilles e CHARLES, Sébastien. *Os Tempos Hipermodernos*. 1.ed. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

MARTINEZ, A.M; REY, F.G. *Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica*. São Paulo: Cortez, 2017.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 2^a. ed. Porto Alegre: Editora Meridional, 2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Um discurso sobre as ciências*. 7ed. Porto: Editora Afrontamento, 1995.

SHELDRAKE, Ruppert. *Uma nova ciência da vida*. 1. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2014

Capítulo 02

EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE: a pedagogia sistêmica no cotidiano acadêmico e suas reverberações

Pricila Cristina Marques Aragão⁵

Kelma Socorro Lopes de Matos⁶

*'Cause nothing can be broken when everything is one
(Incubus – Absolution Calling)*

1. Introdução

O presente artigo propõe a reflexão sobre o papel de vivências e discussões sobre espiritualidade no cotidiano acadêmico, através de um relato de experiência, com o intuito de demonstrar o caminho teórico e vivencial percorrido por uma turma de pós-graduação e seus avanços intelectuais, emocionais e espirituais. A disciplina, intitulada Educação e Espiritualidade, ministrada pela professora Dr^a Kelma Socorro Lopes de Matos, teve como mote a peda-

5 Bióloga licenciada pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. (PRODEMA/UFC), Doutoranda em Educação pela UFC, Professora de Hatha Yoga certificada pela Aliança do Yoga e Artesã, Pesquisadora no Grupo de Pesquisa Cultura de Paz, Espiritualidade, Juventudes e Docentes (UFC). E-mail: pricila_aragao@hotmail.com

6 Professora Associada IV do Departamento de Fundamentos da Educação – FACED - Universidade Federal do Ceará (UFC) e do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC, Líder do Grupo de Pesquisa Cultura de Paz, Espiritualidade, Juventudes e Docentes (UFC/CNPQ). Mestra e Doutora em Educação Brasileira pela UFC, Pós - Doutora em Educação pela Universidade Federal do Bahia (UFBA), Coordenadora do Projeto de Extensão “Cultura de Paz na FACED” Consteladora familiar. Mestre em Reiki. Formada pela Escola Dinâmica Energética do Psiquismo – DEP. E-mail: kelmatos@uol.com.br

gogia sistêmica no ambiente escolar, utilizando três autores principais Franke-Gricksch(2005), Firace(2013), Guedes(2012), responsáveis por evidenciar formas de, usando essa pedagogia, melhorar o desempenho dos estudantes, o relacionamento entre membros da escola, a relação dialógica entre escola e comunidade e o papel dos familiares.

A pedagogia sistêmica surgiu com a interface da psicoterapia sistêmica de Bert Hellinger, no campo da educação, através da inserção das "Leis do Amor ou Leis da Vida", provenientes da constelação familiar, na escola, como exemplificado nos três livros estudados na disciplina. Há Três Leis do Amor, sendo elas: a) Lei do Pertencimento, b) Lei da Compensação e c) Lei da Ordem, estabelecendo como a dinâmica interna dos membros de uma família, na qual a noção de pertencimento dos indivíduos contribuiria para a manutenção da ordem e estrutura familiar, gerando equilíbrio de funções, energias psíquicas e emocionais. A ideia de inserir as Leis do Amor (ou Leis da Vida) no cotidiano escolar apresenta-se como uma maneira de acolher a família, adequadamente, no contexto de ensino-aprendizagem, potencializando o pertencimento dos estudantes aos núcleos familiares e estimulando o equilíbrio e a harmonia.

A abordagem sistêmica dialoga com Capra (1982; 1997), Maturana (2009) e Rogers (1978), ao entender a intrincada rede (ou campo) que interliga os membros da mesma família, e transcende as noções simples de tempo e espaço. Desse modo, criam-se conexões consistentes, caracterizadas pelos vínculos pessoais, que podem se fortalecer ou se desestruturar, dependendo das interações contínuas entre os componentes da macroestrutura familiar.

Uma grande contribuição da pedagogia sistêmica é perceber o estudante em sua integralidade, incorporando a dimensão espiritual aos trabalhos intelectual e emocional, sempre buscando o respeito às leis sistêmicas e ao universo da ancestralidade.

O amor cego e inconsciente, que desconhece essas ordens, frequentemente nos desencaminha. Mas o amor que as conhece e respeita realiza o que almejamos, produzindo em nós e ao nosso redor efeitos benéficos e curativos. (HELLINGER, 2007, p.9).

Bert Hellinger incorpora a perspectiva do amor interpessoal, enquanto caminho de cura e transcendência que é uma visão interessantíssima a ser trabalhada na psicoterapia e ainda mais inovadora, quando incorporada à educação, tema trabalhado de modo sensível por Brandão (2005, p. 50), quando propõe que "Não há ser humano que deva estar excluído da convivência do/no amor, pois estar fora dela é, de algum modo, deixar de ser e viver como um ser humano. Só se é humano no amor.", legitimando a dimensão do afeto, em especial do amor, na formação humana, relacional e pedagógica.

Ainda sobre a perspectiva do amor, Maturana & Yanez (2009, p. 126) afirmam que "O amar é o fundamento do ver e do entender que constitui a sabedoria do viver humano como a ampliação do olhar que permite ver a matriz de relações que constitui a existência da biosfera e o cosmos.", expandindo a relevância e pertinência de se trabalhar o amor numa escala macrobiológica que abrange tanto o planeta, quanto o universo, pois, conforme afirma Baba (2015, p. 78):

A cura planetária acontece de dentro para fora. Ao nos dedicarmos ao processo de autotransformação, em algum momento, poderemos contribuir também para a transformação planetária. Porque só podemos dar aquilo que temos. Só é possível dar amor se amamos, a nós mesmos e ao outro. Só podemos ajudar o outro a ser feliz se somos felizes.

Desse modo, o desenvolvimento afetivo e espiritual é estimulado, em sintonia, com o intelectual, com o objetivo

de trabalhar todas as dimensões do ser para que esse se desenvolva em sua plenitude, atuando nos âmbitos individual, coletivo e planetário.

A disciplina sobre educação e espiritualidade abriu caminhos para uma nova proposta de educação, centrada na busca por autoconhecimento e valorização das relações interpessoais, estimulando uma percepção mais profunda sobre os processos de ensino-aprendizagem, sem os reduzirmos à mera transmissão cartesiana de dados factuais. O que a pedagogia sistêmica propõe é algo mais profundo e maduro, ao aliar o conhecimento adquirido, em meios formais de ensino, aos saberes profundos e ancestrais, auxiliando no desenvolvimento integral do indivíduo para que esse possa buscar sua plenitude, ao mesmo tempo em que se insere ativamente no mundo, solidarizando-se com os demais.

A leitura e discussão dos livros fez emergir conteúdos profundos e estimulou reflexões que ocuparam os nossos pensamentos durante longos períodos, fazendo com que refletíssemos sobre a nossa prática educativa e a nossa própria existência humana. A ordem das leituras propiciou uma fluidez orgânica nesse novo mundo da pedagogia sistêmica, trazendo inicialmente as experiências mais detalhadas e explicadas, processualmente, por Franke-Gricksch (2005), para depois incorporarmos as ideias dos dois autores brasileiros, primeiro com Guedes (2012), e depois conhecendo a perspectiva lúdica e poética de Firace (2013), adicionando conceitos e reflexões (ao mesmo tempo completamente, novos e estranhamente familiares) à base sistêmica estudada.

Franke-Gricksch (2005, p.15) relata que:

Partindo dessa visão [sistêmica] as pessoas não são percebidas como indivíduos separados, mas sempre como uma parte e um contexto de relacionamento. Com isso minha missão como professora se apresentou sob uma outra ótica. A nova maneira

e olhar provocou alegria nos alunos e em mim, surgindo daí muitas ideias de como a escola pode ser vivida.

A autora incluiu práticas e rotinas simples, como a inclusão das pessoas (tanto da turma quanto do núcleo familiar), o respeito aos saberes familiares, o entendimento das ordens às quais cada membro pertence no grupo, a honra aos pais, a inclusão da família no ambiente escolar, o trabalho com sentimentos e valores humanos e o diálogo sobre questões profundas relativas à vida e à morte, percebendo como os estudantes floresciam, ao longo do processo, criando e reestabelecendo vínculos profundos na própria escola e no ambiente familiar. Tais evoluções foram percebidas por todo o núcleo escolar, causando grande impacto no processo formativo desses estudantes, pois para ela

O reconhecimento das ordens do amor, o respeito pelo destino, a reverência pelo que é incompreensível e inevitável, o luto resgatado, tudo isso lhes proporcionou um novo sentimento de segurança com relação ao mundo, sua família e seus amigos (FRANKE-GRICKSCH, 2009, p. 20).

Guedes (2012) desenvolveu o trabalho com a pedagogia sistêmica no Brasil, ao realizar práticas voltadas para a perspectiva de entendimento sobre como o histórico das relações familiares das crianças traz influências fundantes na evolução educacional desses estudantes. É um diálogo constante entre Hellinger (2006; 2007) e Franke-Gricksch (2009), fortalecendo possibilidades e estimulando-nos a repensar práticas educativas e experienciar essas formas de reconhecer as leis do amor em nossas salas de aula, através da valorização da família, do respeito à história pessoal de cada aluno e a busca por integração entre estudantes, familiares e escola. Essas pesquisas refletem na formação humana e no desenvolvimento de valores fundamentais para

o crescimento individual e aprendizagem de habilidades de convivência. Para Matos (2010, p.7):

O trabalho com valores e conteúdos de natureza afetiva faz parte do aprendizado escolar. A afetividade, a amorosidade e a paz podem ser aprendidas e cultivadas, como se aprendem outros conteúdos. O trabalho com Cultura de Paz precisa ser permanentemente fortalecido nas instituições em geral, e, particularmente, nas escolas públicas.

Pensamos sobre a pedagogia sistêmica também como uma educação que, reflete características da educação para a paz, em especial, porque agrega a família, de fato, ao processo de ensino-aprendizagem, em vez de mantê-la apartada da escola. Tal perspectiva favorece a construção de saberes, fortalece os laços familiares e cria vínculos consistentes entre escola e família, beneficiando a comunidade como um todo.

Esse novo paradigma vem sendo desenvolvido nos últimos anos em vários países, ampliando a visão do todo, na relação escola-família, trazendo a possibilidade de criarmos, a partir da escola, um ambiente de inclusão, onde todos possam assumir os seus papéis, levando em conta os sistemas familiares, educativos e institucionais. Compreender esses princípios permite que educadores e alunos se percebam como parte de uma estrutura inter-relacionada, onde fazemos parte da vida uns dos outros. Toda diferença consiste no educar no amor, onde a firmeza e a sensibilidade permitem que haja ordem e, através dela, o amor pode fluir (GUEDES, 2012, p. 22).

Guedes demonstra como princípios simples podem ser incorporados com facilidade, desde que com o devido preparo, no cotidiano escolar pois são intrínsecos às relações humanas, como o diálogo, a cooperação, a harmonia

e a busca por ambientes de inclusão, participação e resolução de conflitos. Entendendo que:

Criar um espaço aberto e de respeito para discussão é uma parte importante desse processo. Compartilhar é validar. Falar sobre sentimentos em relação às questões de valores pode clarificar pontos de vista e desenvolver empatia. Discussões num ambiente de apoio podem ser curativas (TILLMAN, 2005, p. 25).

Percebemos a importância em discutir e dar visibilidade a tais pesquisas, uma vez que a perspectiva desse trabalho também é realizada no Brasil por Firace (2013) que, através de um projeto intitulado "Ecologia do Ser" com educadores em uma abordagem sistêmica, percebeu como o fluxo criativo da vida pode se expressar com facilidade, na medida em que nos alinhamos com o propósito profundo da nossa essência. O autor entende que a pedagogia sistêmica deve ser vivenciada de modo amplo, pois possibilita ao indivíduo entrar em contato com o amor em uma perspectiva libertadora e de integração. Assim, o processo de aprendizagem adquire significado e transcende regras ou normas rígidas e preestabelecidas. Segundo ele:

É impossível explicar o que é a Pedagogia Sistêmica de fora para dentro. Não existem manuais, regras, programas. Quem quiser entendê-la, deve deixar-se atrair por ela, sentir a sua vontade em aprender. Deve aproximar-se de seu conteúdo disforme ao mesmo tempo de sua pulsão vital. É disso que se trata essa pedagogia. Compreender a extensão do aprender. O modo como cada um aprende revela o ponto de encontro entre o ser e o universo. Para entender a Pedagogia Sistêmica é preciso deixar vir de dentro a onda amorosa e libertadora que nos aproxima do outro. A onda da observação luminosa (FIRACE, 2013, p. 174).

Os três autores (FIRACE 2013, FRANKE-GRICKSCH, 2009 e GUEDES, 2012) mostram como é possível trabalhar, através da pedagogia sistêmica, com modos de desenvolver uma educação para a paz, de maneira simples, orgânica e cotidiana, envolvendo estudantes, professores, funcionários da escola e pais no processo de desenvolver novas propostas educativas, pautadas por um paradigma integrador e pacifista.

A inclusão de novas perspectivas, frente ao modelo de educação tradicional rígido e conformado, envolve desafios a serem pensados e superados bem como o estímulo a mudanças individuais, pautadas na coerência de assumir um caminho de autoconhecimento que, para ser trabalhado com o outro, precisa primeiro ser vivido intimamente pelo educador. Tais desafios, porém não são intransponíveis nem se constituem numa barreira rígida para aqueles comprometidos com a busca e o desenvolvimento individual, coletivo e planetário. É através de modelos bem-sucedidos e inspiradores, como no caso da pedagogia sistêmica, que fundamos nossa prática terapêutica, educacional e, sobretudo, humana.

É preciso coragem para confiar no fluxo do amor e seguir o caminho da espiritualidade, em qualquer campo de trabalho conformado com o paradigma cartesiano mecanicista (já em declínio), e propor novos horizontes e potencialidades pautadas em lógicas conduzidas por saberes profundos, por isso precisamos de espaços para propor ideias inovadoras, discutir possibilidades e desbravar caminhos para a construção de um novo mundo.

A importância de uma disciplina como essa é justamente o seu potencial transformador, pois não é possível experimentar tais textos, reflexões e vivências de modo impassível, mesmo com a imposição de resistências, que trazemos em nós mesmos. Portanto, as situações se modificam e estimulam transformações necessárias. É no evoluir de

nossa existência, enquanto humanos, que potencializamos o papel de educadores, de fato, através dos exemplos de vida aliados a saberes da espiritualidade, tudo isso vai constituindo-nos seres mais completos.

2. Os encontros: Educação e Espiritualidade

A disciplina "Educação e Espiritualidade" foi ministrada pela professora Dr^a Kelma Socorro Lopes de Matos, como mencionado, na Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará, no semestre letivo de 2016.2. Os encontros possuíam duração de quatro horas, realizados uma vez por semana, nos dias de terça-feira pela manhã, com uma turma de quinze a vinte alunos, entre estudantes de pós-graduação e alunos ouvintes. Os diálogos eram iniciados com harmonizações, seguidos por discussão dos textos, lanche coletivo, práticas vivenciais e harmonizações finais. Todos os momentos eram realizados com a construção e mediação do grupo, evoluindo de acordo com os anseios e demandas da turma em cada reunião. Percebemos forte integração e estímulo ao desenvolvimento coletivo durante o semestre, trabalhando a capacidade de diálogo e a convivência entre os participantes.

As vivências em Pedagogia Sistêmica, baseadas na constelação familiar, conduzidas pela professora e terapeuta, em sala, foram coerentes com todo o conteúdo trabalhado, agregando experiências práticas essenciais, tanto para a compreensão teórica, quanto para a perspectiva emocional. Vários momentos foram impregnados de força e confiança, pois sentimos o amparo e a segurança fornecidos pelo campo formado pelo grupo e, especialmente, pela professora, devido à sua vivência docente e como consteladora familiar. Saber que um tema tão grandioso e transformador está sendo trabalhado na universidade, com seriedade e coerência, faz grande diferença na formação de educado-

res que acreditam em novas práticas. É uma honra fazer parte desse ciclo.

Essas experiências permitiram que o grupo entendesse a necessidade de coerência no cotidiano enquanto educadores, pois esse é essencialmente um caminho de busca por autoconhecimento. Se nos propomos a orientar e acompanhar outras pessoas, precisamos antes (e durante um processo continuamente retrorreflexivo), trabalharmos dimensões de nossa própria espiritualidade. Há algum tempo entendíamos essas dimensões num tempo e ritmo próprios, porém as vivências nessa disciplina agiram como catalisadoras, mostrando outros aspectos que deveriam vir à tona para "desatar nós", e permitir que o fluxo criativo da vida se manifestasse de maneira livre, como deveria ser.

As leituras e as vivências tocaram-nos inúmeras vezes, mas a maior contribuição foi o conhecimento das "Leis do Amor", que são a base da constelação familiar, pois elas se fundamentam nos anseios e necessidades das pessoas: pertencimento, compensação e ordem. O pertencimento se manifesta em dois níveis (principalmente abordados nos textos e relevantes à nossa prática enquanto educadora): o familiar e o escolar. O sentimento de pertencimento no âmbito familiar faz com que a criança, o jovem ou o adulto sintam confiança e segurança necessárias para permitirem sua atuação plena na vida e inserção adequada em outros ambientes relacionais, como a escola e futuramente o trabalho. O pertencimento, no espaço escolar, dá suporte quanto às necessidades de afeto nos relacionamentos interpessoais, fortalecendo o indivíduo e permitindo que suas características e dons possam ser trabalhados e estimulados a florescer.

A compensação caracteriza-se pela busca por equilíbrio, em que a criança ao se sentir honrada, passa também a honrar o próximo (pais, professores, familiares e colegas). A perspectiva de honrar parte do princípio da valorização

do outro, entendendo-o como ser fundamental, e que por isso deve ser respeitado e reconhecido por seu valor intrínseco.

A lei da ordem, entendida aqui como papel desempenhado, indica que cada pessoa tem um lugar próprio e um caminho a ser desenvolvido na família, visando ao bem desse e de todo o grupo familiar, sendo expandido também para outros ambientes, como a escola ou o trabalho. Por isso, cada um deve se envolver com o seu papel, visando ao desenvolvimento do grupo, o que refletirá na sua própria evolução.

O trabalho com a pedagogia sistêmica exige muita sensibilidade para que o educador possa perceber como essas três leis que influenciam a dinâmica em sala, as atividades do grupo e a evolução dos estudantes. O sentimento de pertencimento ao grupo possibilita que todos procurem formas de aprender juntos. A compensação é o que faz com que a busca por equilíbrio seja necessária, impelindo o grupo a "se movimentar", promovendo encontros ou desavenças e tornando a dinâmica educacional viva e pulsante. A lei da ordem mantém o grupo unido, reconhecendo o papel exercido por cada um, de acordo com as responsabilidades e potencialidades que afloram no desenvolvimento de suas funções específicas.

Em última instância, essa disciplina estimula no educador a percepção de que existe muito mais envolvido na sua prática educativa do que a aparente cadeia lógica de preparar, ministrar e refletir sobre as aulas. Nesse sentido, a pedagogia sistêmica fornece respostas para as perguntas e questionamentos que sequer conseguíamos formular antes, dando sentido e uma base sólida para a nossa atuação educacional.

Esses entendimentos fazem com que tenhamos olhares e práticas mais cuidadosos, delicados e atentos aos sinais e comportamentos dos estudantes, percebendo e, prin-

principalmente, sentindo onde e quando podemos fazer mais por cada um deles, ou quando nossa tarefa é, principalmente, afastarmo-nos um pouco e deixarmos que cada um possa ser livre para trilhar caminhos e fazer suas escolhas, respeitando a ordem a que pertence, honrando suas origens.

A perspectiva de honrar as origens refere-se ao entendimento de que cada indivíduo escolhe inconscientemente: situações, pessoas ou ações potencializadoras de aprendizados necessários. Assim, o núcleo familiar é o espaço primordial facilitador desses processos de aprendizagem, na medida em que se evidencia pelas relações interpessoais intensas e duradouras, com forte impacto na evolução psíquica do ser. Logo, honrar as origens é também valorizar e agradecer a possibilidade de adquirir tais conhecimentos.

3. Reflexões e aprendizados

Dos três livros, o de Franke-Gricksch (2005) fornece mais ideias e detalhes sobre como a pedagogia sistêmica pode ser aplicada em sala, mesmo que a dinâmica e lógica das escolas alemãs sejam bem distintas das brasileiras, essencialmente, o que permanece são os princípios da Pedagogia Sistêmica, aliados ao interesse e cuidado do educador em facilitar o desenvolvimento pleno dos alunos. Os relatos trazidos pelos autores podem ser trabalhados em salas (ensino fundamental, médio e universitário, por exemplo), pensados no tempo em que o docente tem com cada turma e a série ou idade de cada grupo.

Dialogando com os três autores (FIRACE 2013, FRANKE-GRICKSCH, 2009 e GUEDES, 2012) podemos incluir em nossas práticas educativas o respeito à origem do discente, percebendo que ele está inserido no contexto familiar capaz de permitir seu pleno desenvolvimento;

honrar os pais e familiares dos estudantes, ao respeitar os saberes tradicionais e as tradições de cada um; procurar conhecer os familiares dos alunos sempre que possível e inclui-los no ambiente educacional, de modo sincero e acolhedor; buscar serenidade para entender os sinais transmitidos por palavras, comportamentos e atos, pois esses podem fornecer meios para perceber o que não é aparente; saber que podemos ajudar nossos alunos, mas que o caminho deve ser trilhado por eles. Não podemos ser responsáveis por suas escolhas; entender que o papel docente é o de nossa "ordem", e não podemos assumir outros papéis familiares.

Assim, o nosso próprio caminho de autoconhecimento pode ser levado para a sala de aula, tanto para exemplificar situações como para dar segurança no momento de estimular os alunos a fazerem o mesmo e passarem pelas mesmas experiências de busca interna e autorreflexão. Trabalhar com a pedagogia sistêmica é sentir uma profunda entrega e devoção por saber que tudo acontece do modo como deveria, além da confiança para colocar-se a serviço das leis do amor e do fluxo criativo da vida.

Referências

- BABA, P. *Amar e ser livre: as bases para uma nova sociedade*. Fortaleza: Editora Demócrito Dummar / Agir, 2015.
- BRANDÃO, C. *Aprender o amor: sobre um afeto que se aprende a viver*. Campinas: Papirus, 2005.
- CAPRA, F. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CAPRA, F. *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 1997.

- FIRACE, T. *Pedagogia sistêmica: depois da última curva do rio, o começo*. Adultecer. Belo Horizonte: Instituto Imensa Vida, 2013.
- FRANKE-GRICKSCH, M. *Você é um de nós: percepções e soluções sistêmicas para professores, pais e alunos*. Patos de Minas: Atman, 2005.
- GUEDES, O. *Pedagogia sistêmica: o que traz quem levamos para a Escola?* Curitiba: Appris, 2012.
- HELLINGER, B. *Um lugar para os excluídos: conversas sobre os caminhos de uma vida*. Patos de Minas: Atman, 2006.
- HELLINGER, B. *Ordens do amor*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- ATOS, K. S. L. *A paz protege: Cultura de paz, juventudes e docentes*. In: MATOS, K. S. L. de; NONATO JÚNIOR, R. (Orgs). *Cultura de paz, ética e espiritualidade*. Fortaleza: UFC, 2010.
- MATURANA, H.; YANEZ, X. D. *Habitar humano em seis ensaios de biologia-cultural*. São Paulo: Palas Athena, 2009.
- MATURANA, H. R. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- ROGERS, C. R. *Grupos de encontro*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- TILLMAN, D. *Conhecimento teórico e apoio para Vivendo Valores: um programa educacional*. In: *Vivendo Valores na Educação*. São Paulo: Editora Brahman Kumaris, 2005.

Capítulo 03

EXPERIÊNCIA FORMATIVA NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA SISTÊMICA: despertando para o autoconhecimento, o humanizar e a convivência

Livia Maria Duarte de Castro⁷
Kelma Socorro Lopes de Matos⁸

*Mas essa transformação não começa
e termina no interior de cada ser. A partir
do interior, ela desencadeia uma rede de
transformações na comunidade, na sociedade,
nas relações com a natureza e com o universo inteiro.*

Leonardo Boff

Este trabalho é fruto dos estudos realizados na disciplina Tópicos Avançados em Educação II - Educação e Espiritualidade, ministrada pela professora Kelma Matos, que ocorreu no segundo semestre de 2016. É uma disciplina do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do

7 Mestra em Educação. Doutoranda em Educação (UFC) e Técnica em Assuntos Educacionais do IFAM/SGC. E-mail: liviaant22@yahoo.com.br

8 Professora Associada IV do Departamento de Fundamentos da Educação – FACED - Universidade Federal do Ceará (UFC) e do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC, Líder do Grupo de Pesquisa Cultura de Paz, Espiritualidade, Juventudes e Docentes (UFC/CNPQ). Mestra e Doutora em Educação Brasileira pela UFC, Pós - Doutora em Educação pela Universidade Federal do Bahia (UFBA), Coordenadora do Projeto de Extensão “Cultura de Paz na FACED” Consteladora familiar. Mestra em Reiki. Formada pela Escola Dinâmica Energética do Psiquismo – DEP. E-mail: kelmatos@uol.com.br

Ceará. Nesse semestre, o enfoque escolhido para o desenvolvimento da disciplina foi além da discussão sobre Cultura de Paz e Espiritualidade, o da Pedagogia Sistêmica, possibilitando aos alunos conhecerem essa nova proposta de trabalho, com intuito de contribuir para transformar a sua atuação no mundo, nos espaços que atuam, em especial, nos ambientes educativos, sobretudo no âmbito escolar.

Durante os encontros, fizemos estudos teóricos com obras que tratam sobre a temática, destacando Franke-Grickch (2009), Guedes (2012), Firace (2013), compartilhando experiências, e vivenciando a proposta da abordagem sistêmica com atividades práticas que nos possibilitaram pensar, sentir e que nos encaminharam a agir com mais coerência nos caminhos da educação. Ou seja, ocorreram sensibilizações que foram modificando nossas atitudes perante situações que, certamente, irão se desdobrar em atuações conscientes no nosso dia a dia.

Cursar essa disciplina foi romper com muitas limitações, aceitar-se e descobrir-se. Foi encontrar-se com o sagrado que existe em cada um de nós, pois como expressa Boff (2006) "existe dentro de nós uma chama sagrada coberta pelas cinzas do consumismo, da busca de bens materiais, de uma vida distraída das coisas essenciais. É preciso remover tais cinzas e despertar a chama sagrada. E então irradiaremos. Seremos como um sol". Portanto, precisamos trabalhar para que essa chama seja revelada e esteja presente no nosso ser. E isso se aproxima da proposta sistêmica ao tomarmos consciência de que somos únicos e temos histórias individuais, as quais devem ser respeitadas e honradas, sobretudo por nós mesmos.

Numa outra perspectiva, possibilitou-nos refletir e repensarmos nossas práticas, trazendo ao nosso fazer novas posturas, agregando à nossa didática outras dimensões, como por exemplo, o ato de observar, mas um observar com

inteireza e presença e acolher e aceitar as diferenças dos nossos alunos e de suas famílias, por exemplo.

A seguir, traremos um pouco de como foi trilhado nosso caminho, num primeiro momento apresentando o conceito e a proposta da pedagogia sistêmica; em seguida explanamos o movimento da disciplina e como essa ajudou a repensarmos nossa atuação enquanto educadores, e por fim, registramos exemplos de atividades que podem ser desenvolvidas em sala de aula, algumas delas inspiradas nas experiências da terapeuta e professora de uma escola alemã (FRANKE-GRICK-CH, 2009).

1. Pedagogia Sistêmica: compreensão de si como um todo e da atuação no mundo

A abordagem sistêmica desenvolveu-se, a partir do trabalho de Bert Hellinger (Teólogo, Filósofo (Universidade de Wuzburgo) e Pedagogo. Atuou na África do Sul como diretor de várias escolas e criou a constelação familiar. Destacamos que foi a partir desse trabalho que se desmembrou e inseriu-se uma nova percepção de como podemos realizar nossas atividades na escola, resultando, assim, numa renovada atuação na área educacional, a pedagogia sistêmica que envolve diferentes dimensões dos campos de aprendizagem. Ressaltamos que uma das pessoas responsáveis e fundamentais por trabalhar e sistematizar essa proposta é a autora e professora Marianne Franke-Gricksch, que tem contribuído bastante na disseminação dessa visão e prática em todo o mundo.

A pedagogia sistêmica é uma proposta de trabalho educativo que propõe compreender o ser numa teia de relações. Tais interações devem ser percebidas inicialmente em si mesmas, ou seja, somos seres compostos pelas mais diversas dimensões e todas devem ser contempladas, por isso, a importância de nos percebermos na nossa inteireza. E a partir dessa percepção, o entendimento dos conectores

presentes nas relações com os demais e com o próprio sistema do qual fazemos parte. Para Gricksch (2009) as pessoas devem ser percebidas como uma parte de um contexto de relacionamentos. Ou seja, somos e estamos todos "emaranhados", sendo importante termos uma visão significativa do todo que nos compõe e ao qual pertencemos.

Inserir essa proposta no campo educacional e, especificamente, na escola é dar vida às ações tão necessárias no espaço escolar, como, por exemplo, a relação família-escola, que na proposta sistêmica é imprescindível. Pois, é a partir das interações vividas que podemos visualizar o indivíduo no todo. Essa relação tem que ser percebida e aceita tendo em vista, como destacou Gricksch (2009), que Bert Hellinger pontuou que estamos entrelaçados no destino de nossas famílias. Queremos dizer que é compreendendo o contexto e a estrutura familiar de cada indivíduo que podemos entender sua história e contribuir, eficazmente, com a sua atuação no mundo. E isso será possibilitado através de atividades em que a família esteja junto às escolas.

Praticar essa proposta de educação sistêmica é possibilitar aos alunos e todos aqueles que fazem parte das suas relações novas aprendizagens, mas é sobretudo também aprender a autotransformar-se. Assim, novas posturas passam a fazer parte da prática pedagógica, entre algumas destacamos a capacidade de observar, prestar atenção aos sentimentos expressos, tendo uma nova compreensão dos alunos. E também como mencionado por Gricksch (2009), abrir nosso coração às famílias, permitindo-lhes entrar nas salas de aula de maneira permanente. Isso pode ocorrer de diferentes maneiras, seja levando os alunos a sentirem essa presença por meio de atividades realizadas, mas, em especial, levando esses pais a estarem juntos do trabalho da escola, e, principalmente, dos seus filhos. Essa possibilidade certamente gerará desafios, mas, se feita de manei-

ra consciente, logo tornar-se-á um caminho significativo e enriquecedor.

Destacamos que na proposta sistêmica a dimensão do amor nas relações educativas tem um efeito especial. Para Guedes (2012) só o amor pode promover a paz, condição que contribuirá para o bom desempenho e a atuação em todos os campos da vida. Ainda nessa proposta, o respeito e a reverência devem sempre acontecer. No que se refere ao conflito é importante focarmos na solução e não nos problemas.

Ressaltamos que são muitas as formas de atuarmos sistemicamente, sendo um dos pontos essenciais nesse processo estarmos disponíveis, em primeiro lugar a cuidar de nós mesmos, para só então podermos cuidar do outro. Pois, só estando conscientes do nosso lugar, poderemos atuar positivamente em relação aos demais.

2. Vivenciando a Pedagogia Sistêmica e constituindo-nos educadores

A participação na disciplina Educação e Espiritualidade possibilitou-nos chamadas à reflexão a todo momento, em especial repensando nossa postura e prática educativa, adquirindo conhecimentos intelectual e também espiritual. Ambos necessários ao processo de formação, pois temos que cuidar do nosso profissional, mas para que funcione eficazmente é necessário que tratemos do nosso autoaperfeiçoamento, do encontro conosco. É preciso equilíbrio, para só assim sentirmo-nos capazes do cuidado com o outro, nas nossas relações cotidianas.

Os encontros trouxeram a oportunidade de refletirmos sobre o nosso sistema familiar, e qual papel temos desempenhado nesse sistema, assim como isso traz implicações na nossa atuação profissional. E ainda, sobre: o que temos levado aos nossos alunos? Qual o nosso papel na vida de

cada um dos discentes? Qual o sentido da nossa profissão? Temos contribuído positivamente na formação dos alunos? A proposta de trabalho sistêmica de acordo com Guedes (2012) leva-nos a ampliar a visão significativa do todo, na relação escola-família, criando, a partir da escola, um ambiente de inclusão em que todos podem assumir seu papel, considerando todos os sistemas. Isso faz-nos pensar em como desenvolver um trabalho nessa perspectiva nos espaços em que atuamos.

É fundamental compreender que não podemos exigir do aluno aquilo que não temos, ou fazemos. Segundo Gricksch (2009, p. 20) independente das indicações sobre mudanças de postura possíveis e necessárias perante os pais, irmãos ou parentes, Hellinger sempre enfatiza que nossa ligação com a grande alma é plena, e que estamos à mercê do destino de nossa família. Essa grande alma é o entrelaçamento da família, ou seja, todos os que compõem o grupo familiar e a formam, estando assim o destino da família todo interligado.

Para Guedes (2012), a escola é um organismo vivo, que congrega uma diversidade de sonhos, habilidades, histórias de vida, limitações e possibilidades. Reconhecer a nossa história de vida e aceitá-la, é abrir portas ao amor, ao conhecimento e a uma convivência mais feliz. Pensar sobre o que levamos para a escola como discentes, e o que temos levado como docentes foi algo importante, tendo em vista que esse espaço, como explicita Guedes (2012), é um local onde depositamos, dentre outras coisas, esperanças. Assim, devemos estar atentos sobre que futuro estamos construindo.

Gricksch (2009) valoriza a forma de iniciar e finalizar cada aula. Ressaltamos que, na prática, nos locais em que trabalhamos, por vezes não foi fácil, pois os alunos viam as harmonizações no início das aulas de maneira estranha. Acreditamos que essa postura ocorra pela forma “cartesiana”

como foram, e ainda somos educados. Apesar da resistência inicial, com o passar dos dias, a maioria participava e interagia. Quanto aos que se negavam totalmente a experienciar, aprendemos a observá-los.

A observação ocorreu a partir do que expressa Fira-ce (2013), uma ação que é mais que olhar. Portanto, compreendemos esse ato de observar na sua inteireza, ou seja, como presença. Vimos que alguns, na verdade, precisavam sentir-se pertencentes ao grupo. Saber que eram um de nós (GRICKSCH, 2009)

Portanto, essa disciplina possibilitou um crescimento pessoal e também profissional. O sentido da atuação, enquanto educador, ficou melhor compreendido. Essa não é uma tarefa fácil, mas possível. O importante é estarmos abertos a um amoroso estado de aprendizagem, fazer as escolhas corretas, ocupar, cada um, o seu lugar no mundo, levar luz, ou seja, adúlterec.

3. A pedagogia sistêmica em atividades práticas na sala de aula

A pedagogia sistêmica é uma proposta de trabalho belíssima, diversificada e rica em possibilidade de vivências. Assim, são muitas as atividades que podem ser desenvolvidas nos espaços educativos, adequando-se apenas às instituições de ensino e ao público a quem é direcionado. Elencaremos a seguir algumas das que podemos realizar com facilidade.

A primeira que destacamos é a maneira como podemos iniciar e finalizar nossas aulas, que devem ser pensadas com cuidado e amor, na perspectiva da integração e acolhimento de todos que ali estão. É fundamental que possam se sentir fazendo parte, pertencentes, confiantes no espaço em que todos os dias podem ir com mais alegria.

Uma segunda é valorizar as potencialidades dos alunos, estimulando-os a aprendizagem e atuação perante a vida de maneira independente. Há muitas formas de fazer isso. Muitos docentes já o fazem. O fundamental é estarmos atentos para darmos espaços à fala desses jovens, e, de repente, podemos descobrir desenhistas, dançarinos, músicos, poetas que podem contribuir com as aulas. Além disso, aqui é trabalhada a autoconfiança discente.

Outra experiência é proporcionar aos alunos um momento em que possam conhecer a história de vida de seus colegas. Segundo Gricksch (2009) é preciso contribuir para que crianças e jovens alcancem uma nova consciência, que tenha como fator predominante o respeito à vida de cada um. O diálogo e a metodologia da socialização da história de vida são instrumentos importantes nesse sistema.

Destacamos uma das que consideramos de maior relevância para o processo educativo e a que é a essência da proposta sistêmica. A construção de pontes entre o lar e a escola. Essa articulação deve ser bem estruturada, feita de maneira que possamos ter o apoio dos pais. Dentre as ideias, pontuamos atividades que proporcionem momentos de interação entre pais e filhos, diálogos entre a escola e os pais, que devem estar direcionados a momentos prazerosos como cafés na escola, convidar avós para partilhar suas histórias, enfim, fortalecer os laços de amizade, solidariedade e confiança entre escola e comunidade.

Aliado a isso, realizar ações simples, mas que façam com que os alunos sintam a presença dos seus familiares, contribuindo com o desenvolvimento da aprendizagem, utilizando ações como a apresentada por Gricksch (2009): colocar uma cadeira ao lado do aluno durante as provas, levando – os a imaginarem que ali está sentado o pai, a mãe ou alguém de sua família que passe segurança. Ou seja, levar os alunos a visualizarem a presença desse familiar ao seu lado, de maneira que isso contribua para um melhor

desempenho. Eles vão se sentir mais autoconfiantes. Como professora, ela pode comprovar isso.

Ainda com relação à família, podemos pedir para construírem sua árvore genealógica, e, a partir disso, falar sobre os antepassados. Nesse processo de inclusão perceber e honrar a ancestralidade, assim como saber sobre a importância do respeito e da reverência aos pais.

Pontuamos que o professor pode ainda pensar em atividades de aproximação dele com o aluno, de observação com o estado de presença, identificando o que crianças e jovens querem demonstrar, dizer das mais diferentes formas, seja pela linguagem, seja por expressões corporais. É preciso estarmos abertos a perceber, sentir e acolher. Por fim, destacamos a proposta da construção de um diário, resgatando memórias do que foi vivenciado durante o percurso formativo. Iniciativa que surge a partir do livro "O que traz quem levamos para a Escola?" de Olinda Guedes.

É importante pontuarmos que as atividades propostas pela metodologia sistêmica não podem ser realizadas de qualquer maneira, sem uma formação adequada. Por isso, é relevante que os docentes se sintam capazes de desenvolvê-las, sendo necessário, em alguns casos, uma preparação específica.

Finalizamos, expressando gratidão pela oportunidade de aprendermos e ensinarmos com amor. De sabermos que é possível desenvolvermos a aprendizagem de maneira humanizada.

Referências

- BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- FIRACE, Tarso. *Pedagogia Sistêmica - depois da última curva do rio, o começo: Adultecer*. Belo Horizonte. 2013.
- FRANKE – GRICKSCH, Marianne. *Você é um de nós: percepções e soluções sistêmicas para professores, pais e alunos*. Trad. Décio Fábio de Oliveira Júnior, Tsuyuko Jinno – Spelter. 2ed.rev. Patos de Minas: Atman, 2009.
- GUEDES, Olinda. *Pedagogia sistêmica: o que traz quem levamos para a escola?* 1ed. Cutitiba: appris, 2012.

CAPÍTULO 04

PEDAGOGIA SISTÊMICA E A CONSTRUÇÃO DA AUTENTICIDADE DO SER HUMANO NO ATO DE EDUCAR

Dário Gomes do Nascimento⁹

Kelma Socorro Lopes de Matos¹⁰

O trabalho com a Pedagogia Sistêmica em sala de aula ainda é uma novidade que gera certa estranheza, diante da visão de educação conteudista que ainda acontece em muitos espaços. Apesar disso, podemos dizer que tanto essa como outras práticas emergentes são realidades que ganham mais força a cada dia, principalmente, diante do fracasso e esgotamento do modelo vigente.

Experiências como a que vivenciamos na disciplina de Educação e Espiritualidade, ministrada pela professora Kelma Matos, no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará, durante o segundo semestre de 2016, mostram que é possível viver o processo educacional diferentemente do que tem sido feito, apesar da resistência e incredulidade de quem prefere

9 Doutorando e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC, Pesquisador do Grupo de Pesquisa Cultura de Paz, Juventudes e Docentes (UFC), Especialização em Educação Infantil pela Faculdade de Tecnologia Darcy Ribeiro, Mestre em Reiki. E-mail: dariosigma@hotmail.com

10 Professora Associada IV do Departamento de Fundamentos da Educação – FACED - Universidade Federal do Ceará (UFC) e do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC, Líder do Grupo de Pesquisa Cultura de Paz, Espiritualidade, Juventudes e Docentes (UFC/CNPQ). Mestre e Doutora em Educação Brasileira pela UFC, Pós - Doutora em Educação pela Universidade Federal do Bahia (UFBA), Coordenadora do Projeto de Extensão “Cultura de Paz na FACED” Consteladora familiar. Mestre em Reiki. Formada pela Escola Dinâmica Energética do Psiquismo – DEP. E-mail: kelmatos@uol.com.br

assumir a ideia conformista de que não há como mudar o "sistema", através dos nossos atos.

Esse escrito é a expressão de reflexões teóricas e vivenciais dos processos realizados ao longo dessa disciplina, que se mostrou espaço de autoconhecimento e de encontro autêntico com o outro.

1. Pensando a Pedagogia Sistêmica

Acerca da Pedagogia Sistêmica, Firace (2013, p. 174) diz que:

É impossível explicar o que é a Pedagogia Sistêmica de fora para dentro. Não existem manuais, regras, programas. Quem quiser entendê-la, deve deixar-se atrair por ela, sentir sua vontade em aprender. Deve aproximar-se de seu conteúdo disforme ao mesmo tempo de sua pulsão vital. É disso que se trata essa pedagogia.

Percebemos que não se trata de um novo método pedagógico, pura e simplesmente, mas sim, de um entendimento de ser humano que promove principalmente o aprender a ser e aprender a conviver, listados por Delors (1998) como dois dos pilares da Educação.

A Pedagogia Sistêmica tem origem nos ensinamentos de Bert Hellinger, que desenvolveu a Constelação Familiar, método terapêutico que trabalha relações que se dão nos sistemas em que o constelado está inserido. Esse sistema pode ser a família de origem, família constituída, ou outros grupos de convivência. De toda forma, a maneira como estabelecemos as nossas relações está relacionada com a figura paterna e a materna, que trazemos em nós mesmos.

Ao longo do seu trabalho psicoterapêutico, Hellinger afirma que estamos profundamente e inconscientemen-

te entrelaçados com os destinos do nosso grupo familiar (FRAKE-GRICKSCH, 2009). Através das constelações familiares, Hellinger “mostra que existe uma ordem básica, na qual todos os membros de uma família sentem-se bem e nos mostra como encontrar essa ordem e assumir o lugar apropriado em nossa família. ” (FRANKE-GRICKSCH, 2009, p. 19). O procedimento de Hellinger é denominado de sistêmico fenomenológico e tem como um dos seus fundamentos básicos as leis do amor, quais sejam, a lei da pertinência (todos têm o igual direito de pertencer), a lei do equilíbrio (entre dar e receber) e a lei da hierarquia de tempo (os mais antigos vêm primeiro, e na sequência os mais novos – com relação a serem honrados socialmente e na família).

Marianne Franke-Gricksch (2009) foi a pioneira na implementação desses saberes, da Pedagogia Sistêmica, no contexto da escola, permitindo perceber as pessoas não como indivíduos isolados, mas como parte de uma estrutura inter-relacionada, em que fazemos parte da vida uns dos outros. As discussões apresentadas por esse novo discurso na área da Pedagogia são tão intrigantes quanto relativamente recentes. Não se trata de uma nova linha pedagógica, com métodos próprios de ensino, e sim de uma perspectiva única de compreensão do ser humano, que o entende como uma parte de um todo, com o resgate de saberes ancestrais, de conhecimentos dos povos originários, que entendiam a família de uma maneira bastante diferenciada do que temos hoje, relacionando-o a uma melhor compreensão de comunidade. De toda forma, trata-se de uma abordagem diferenciada na educação.

Para Guedes (2012, p. 22), a prática da Pedagogia Sistêmica “consiste em educar no amor, onde a firmeza e a sensibilidade permitem que haja ordem e, através dela o amor pode fluir. O amor dos pais fluindo nos filhos é a força da educação. ”

Franke-Gricksch teve a sensibilidade de perceber que as atitudes “disfuncionais” dos alunos são uma mostra profunda de amor e lealdade incondicional ao pai e à mãe. Através de práticas como a reverência e a gratidão aos pais, o uso de atitudes simbólicas, gestos, rituais e frases curtas, o estabelecimento de uma nova forma de se relacionar com os pais e exercícios de inclusão dos mortos (familiares), a autora introduz ensinamentos do pensamento sistêmico fenomenológico no contexto escolar.

Quem entra em contato com os relatos de Franke-Gricksch percebe que as crianças aceitaram as mudanças com curiosidade e profundo comprometimento. Ela apresenta relatos dessa experiência no livro “Você é um de nós” (2009), obra que está servindo de base para o desenvolvimento de diversos trabalhos na área educacional, pautados no pensamento sistêmico.

Marianne Franke diz que as ideias que fundamentaram a sua prática docente mudaram gradualmente, sem que ela se dessa conta, recebendo grande influência dos princípios essenciais da Escola de Heildelberger Institut, em que realizou estágio. Esses pensamentos incluem os seguintes pontos (FRANKE-GRICKSCH, 2009, p. 90):

1. Os padrões de comportamento são passíveis de mudança e quando são alterados modificam relações.

2. Algumas realidades de relação são muito rígidas e outras realidades são muito complacentes.

3. Cada família tem o seu próprio mapa de interpretação do mundo, assim como mapas para comportamento.

Tais pontos direcionaram muitas práticas realizadas por Marianne Franke. O primeiro diz respeito à mutabilidade das relações, e conseqüente mudança nos padrões de comportamento de um sistema. O ato de tomar consciência de uma situação, de um comportamento, de uma ideia ou de um sentimento pode ser o bastante para que ocorra

uma mudança significativa. O segundo ponto fala dos tipos de relação estabelecidas em um sistema, que podem ser mais rígidas em algumas situações ou mais complacentes em outras. Isso pode ser influenciado, inclusive, por fatores culturais e religiosos. A autora aborda isso quando fala do caso de uma aluna que tinha as escolhas tolhidas pela família sendo que, por fatores de ordem cultural, o espaço para a alteração dessa ordem era restrito. Por fim, o terceiro ponto refere-se ao fato de que cada sistema familiar tem uma maneira única de interpretação do mundo. Isso faz com que um acontecimento possa ter um sentido muito diverso de um sistema para outro.

Atenta a esses fatores, Marianne Franke implementou ações que, muitas vezes com aparência de simplicidade, geraram mudanças significativas nas vidas dos seus estudantes, desde criar uma rotina de estar em sala de aula 25 minutos antes do horário do início das atividades, para estabelecer um contato prévio com os alunos, passando pela reverência da turma a cada um dos alunos, entre si. Essa reverência é um movimento de curvar-se diante do outro. Esse ato simboliza respeito e aceitação pela história e destino do indivíduo. Marianne Franke também implementou novas formas de avaliar, tratando do que o aluno sabia fazer bem, bem como pela conservação da língua materna de cada um, pois muitos eram imigrantes. Isso somente para citar algumas das práticas adotadas pela autora e professora em sala de aula.

Ficou demonstrado que a Pedagogia Sistêmica é eficaz e pode gerar mudanças profundas e significativas em um curto espaço de tempo, o que não garante a sua plena aceitação. O novo pode gerar resistências e interpretações errôneas. Franke-Gricksch (2009) relatou situações em que vivenciou isso, por parte da direção da escola em que trabalhava, o que demonstra a necessidade de mantermos a serenidade diante dos desafios que essa tarefa apresenta.

Colocar-nos nessa postura, autenticamente, nasce da firmeza de propósito que adquirimos através das experiências proporcionadas pela vida. Dito isso, destacamos a seguir algumas transformações vivenciadas ao longo da disciplina de Educação e Espiritualidade, as quais nos possibilitaram experimentar a efetividade da Pedagogia Sistêmica.

2. Tornar-se educador – contribuições da Pedagogia Sistêmica

Consideramo-nos seres humanos, educadores que vivem um processo de autoconhecimento, atentos ao cumprimento de nossas missões nessa existência, a qual acreditamos que esteja relacionada a ser útil ao nosso próximo através da educação, do conhecimento, do autoconhecimento (abrir janelas dentro de si para enxergar o seu mundo).

Creemos que os seres humanos têm um potencial inerente de autodesenvolvimento, de buscar a luz, o bem e o amor. Para isso precisam ser estimulados através da educação, que deve ter como maior meta ser uma ferramenta que possibilita às pessoas serem o melhor de si mesmas.

Para nós os passos iniciais, nesse sentido, são aqueles que damos em direção a nós mesmos. A utilização plena da tecnologia, do autoconhecimento e da autocura no outro dá-se quando aprendemos a utilizá-las em nós mesmos.

Durante nossas existências, temos buscado espaços e ferramentas que nos possibilitem o alcance desses objetivos e a disciplina Educação e Espiritualidade certamente ajudou-nos a dar mais alguns passos na direção daquilo que buscamos. Já havíamos realizado vivências com a constelação familiar e pudemos sentir a potência dessa terapia e as mudanças profundas que pode causar na vida das pessoas.

Tivemos a oportunidade de experimentar exercícios da Pedagogia Sistêmica em sala de aula, sob a condução da

professora Kelma Matos. Realizamos o desenho da árvore genealógica da família, refletindo sobre as nuances dessa prática, pensando, por exemplo, sobre o porquê do esquecimento de algumas pessoas, ou mesmo sobre a necessidade de incluir crianças que não chegaram a nascer, e que devem ser incluídas porque estiveram por algum tempo acolhidas no ventre de suas mães, e fazem parte do sistema familiar.

Outro exercício bastante significativo foi o do desenho da família no qual procurávamos sentir em que posição deveriam ficar os nossos familiares. Em seguida observávamos algumas nuances do desenho, como o tamanho de cada um dos componentes da família, além das suas expressões. Esse exercício possibilitou-nos entrar em contato com emoções subjacentes e, em consequência, pensar as relações cotidianas com nossos familiares, entendendo a motivação de alguns comportamentos nossos e deles, principalmente, a partir da leitura do livro "Você é um de nós". Foi importante para o estabelecimento de relações saudáveis com as nossas famílias de origem e a família que formamos.

Tivemos intuições relacionadas aos nossos pais e irmãos, motivadas, principalmente por Olinda Guedes (2017), autora que compartilhou as suas vivências com a Pedagogia Sistêmica em "O que traz quem levamos para a Escola? ". Tarso Firace (2013) ajudou-nos a entender melhor o nosso papel no nosso sistema de origem, quando fala dos que nascem sob a égide de Alfa, Beta e Gama na obra "Depois da última curva do rio, o começo: Adultecer". Somos gratos a todos esses autores, à professora Kelma Matos, que os apresentou e desempenhou o papel de professora e terapeuta, e aos colegas que enriqueceram as reflexões, a partir das discussões em sala de aula e das vivências que realizamos.

Ressaltamos, ainda, que a disciplina Educação e Espiritualidade seguiu uma metodologia ainda pouco explo-

rada no meio acadêmico, integrando teoria, prática e vivências. Isso ajuda-nos a assimilarmos o assunto de maneira integral, sem restringirmo-nos a uma "dimensão racional", como se essa fosse dissociada, uma vez que também estimula o desenvolvimento das nossas inteligências intrapessoal e interpessoal, de acordo com a definição de Gardner (1995).

Defendemos que o processo de formação do ser humano deve levar em conta as dimensões teórica, prática e vivencial. Como pode um psicólogo tratar os seus pacientes sem nunca antes ter realizado o seu próprio processo terapêutico? É possível que um educador lide bem com as crianças que estão sob a sua tutela sem que antes tenha cuidado da sua criança interior? Consideramos um grande contrassenso que promovamos um processo educacional que enfoque principalmente a dimensão racional, abordando, de forma tímida, o saber fazer e deixando de lado o saber ser, principalmente, quando esse futuro profissional tem como objeto de trabalho mulheres e homens, crianças ou pessoas em processo de adoecimento. É necessário que, inicialmente, passemos a considerar a integralidade do ser que está diante de nós, reconhecendo a nossa própria integralidade, honrando-a e dando espaço para que se desenvolva.

Também é importante destacarmos que a disciplina aponta novas oportunidades diante dos desafios que a educação enfrenta, atualmente. Alunos e professores desmotivados, metodologias pedagógicas que não condizem com a realidade e o interesse dos educandos, adoecimento dos docentes e demais profissionais da educação, evasão escolar, fracasso escolar, *bullying*, subfinanciamento da educação e baixo rendimento escolar, só para citar algumas problemáticas.

A partir das reflexões na disciplina, percebemos que todas essas questões têm relação direta com o relaciona-

mento pouco próximo entre família e escola. Vemos que a distância que há não é somente física, mas também psicológica e energética. Há um provérbio africano que diz ser necessária toda uma aldeia para educar uma criança. Uma mãe e um pai precisam se amparar na aldeia. Estamos sentindo isso no processo que estamos vivenciando com nossas crianças na atualidade. O apoio que recebemos de familiares e amigos é fundamental.

Os pais precisam do apoio da aldeia para o desenvolvimento do processo educacional dos seus filhos. As professoras e os professores também precisam dessa aldeia, representada, principalmente, na relação entre família e escola. Para isso é necessário que a família seja honrada na sua inteireza, que seja ouvida e tenha espaço para apresentar a sua perspectiva e proposições.

É importante vivenciarmos os aprendizados, de forma que possamos consolidá-los e tenhamos a condição de empregar sentido e autenticidade na sua partilha. A seguir, apresentaremos algumas experiências concretas, que buscamos relacionar com o conteúdo da disciplina.

3. A aplicabilidade da Pedagogia Sistêmica na sala de aula

Os livros estudados apresentaram-nos muitas ferramentas possíveis de serem utilizadas em sala de aula. Na verdade, temos procurado colocar em prática conhecimentos adquiridos com relação a educação integral e à espiritualidade, bem como através das vivências realizadas. Sempre buscamos trabalhar os conteúdos integrados às vivências, aos exercícios de relaxamento, à reflexão, à autorreflexão e à autocura.

Ao relacionar os ensinamentos adquiridos na disciplina com a nossa prática docente anterior a essa experiência,

lembramos de certa ocasião em que realizamos uma atividade de terapia comunitária com uma turma do curso de Serviço Social da Faculdade Terra Nordeste - FATENE; de Caucaia. O caso de uma aluna travesti foi escolhido para ser trabalhado no dia. Ela relatava preconceito e dificuldade de relacionamento com a família em decorrência da sua orientação sexual. Quando aprofundamos um pouco o seu caso, pudemos perceber sentimentos muito fortes de ódio, medo e tristeza, envolvendo principalmente as figuras da sua mãe, de seu irmão e de pai, que já era falecido. Esses sentimentos tinham relação com a sua orientação sexual, mas iam além disso. Essa aluna era tomada por profissionais da faculdade como uma pessoa problemática. Lembrando desse caso, pensamos que teria sido muito interessante se nessa oportunidade tivéssemos utilizado o exercício de reverenciar pai e mãe, o qual aprendemos nessa disciplina através dos relatos no livro "Você é um de nós" (FRANKIE-GRICKSCH, 2009), bem como pelas vivências de acolhimento e respeito à diversidade promovidas pela professora Kelma Matos. Temos ciência de que naquele momento oferecemos o que pudemos para aquela aluna, mas sabemos que hoje teríamos mais preparo para lidar com essas questões.

Em outra turma, na qual ministrávamos a disciplina de Psicologia Social, trabalhamos a temática de identidade. Pedíamos aos alunos que se expressassem através de textos-sentidos¹¹, direcionados por um mote. Gostamos muito dessa ferramenta, pois permite a expressão do educando de forma criativa e diversa, desde textos em formato de prosa, poesia, até desenhos e colagens. Um dos motes apresentados aos alunos dessa disciplina foi "quem sou eu?". Muito material interessante foi produzido, até mesmo al-

11 O texto-sentido busca resgatar a escrita autêntica do escritor, possibilitando a expressão de sentimentos, ideias e pensamentos. A manifestação do texto-sentido pode se dar em formato de prosa, verso, ou mesmo imagens e obras de artesanato. (CAVALCANTE JUNIOR; GONDIM, 2008)

guns poemas e cordéis. Pensamos que a junção dessa ferramenta com a imagem da família, trabalhada por Marianne Franke-Gricksch (2009) e exercitada nos nossos encontros, poderia gerar muitas reflexões enriquecedoras. Esse exercício, proposto pela autora, consiste em pensar e sentir a nossa multidiversidade, que é fortemente influenciada pela nossa família, refletir sobre as ordens do amor, buscar integrar aqueles que vieram antes de nós e que por vezes não estão sendo respeitados no seu direito de pertencer.

Teria sido muito interessante utilizar ensinamentos da Pedagogia Sistêmica no trabalho que realizamos sobre psicologia escolar, com três colegas, há época, graduandas em Psicologia, com crianças, familiares, professoras e demais profissionais de uma creche pública. Proporcionar novas reflexões para a coordenação da creche e professoras acerca da reunião de pais e mestres. A coordenação reclamava que os pais não participavam e as professoras lamentavam que havia descompromisso por parte dos responsáveis, contudo, quando acompanhávamos as reuniões promovidas pela creche com os pais, víamos que a família era expectadora, pois o espaço para a sua fala era colocado em segundo plano, as suas demandas não eram ouvidas, e seus valores e história não pareciam ter grande importância, ou não eram abordados. As profissionais da creche buscavam fazer o seu melhor, mas certamente estavam sendo pouco afetivas com relação à aproximação e ao estreitamento de parceria com as famílias. Realizamos algumas provocações acerca dessa questão nos encontros que fizemos com as professoras. Promovíamos reuniões mensais, facilitadas por estagiários de Psicologia que atuavam na escola. Em um mês a atividade tinha cunho teórico, e no mês seguinte vivencial. Hoje teríamos mais potencial para contribuir com as professoras e demais profissionais da creche a refletirem sobre as suas famílias e as relações que estabeleceram ao longo da vida, para que pudessem desenvolver estratégias de aproximação com as famílias dos seus educandos.

Cremos que os conhecimentos que desenvolvemos, ao longo da disciplina, nos ajudarão a enriquecer as práticas que buscamos realizar nos mais diversos contextos. A sala de aula é certamente um ambiente fértil para o desenvolvimento dessas práticas. Também conseguimos vislumbrar ações com a Pedagogia Sistêmica, sendo concretizadas no contexto comunitário. Sonhos de um futuro próximo.

4. Considerações

As experiências significativas marcam-nos e direcionam a nossa forma de ver e viver no mundo. Ainda, assim, a educação formal, via de regra, ainda insiste em práticas vazias de sentido e com o foco deslocado das pessoas para os conteúdos. São necessárias experiências que nos tirem da zona de conforto para que nos deparemos com a insensatez dessa postura.

O mundo precisa de seres humanos melhores, e não somente de profissionais melhores. Para tal é necessário que sejamos educados nos nossos aspectos emocionais e relacionais. Parece óbvio, mas se trata de uma obviedade, muitas vezes, desconsiderada, ou colocada em segundo plano.

A intolerância quanto às diferenças e insustentabilidade dos nossos atos mostram-nos que as coisas não podem continuar nesse rumo. Precisamos honrar nossas origens, curar nossas feridas e reconhecer quem somos, para que consigamos seguir em frente, escrevendo novos rumos, deixando de repetir (in) conscientemente nossos erros passados. Para tal são muito válidas contribuições como as apresentadas pela Pedagogia Sistêmica que nos mostra possibilidades de tornarmo-nos mais humanos.

Referências

- CAVALCANTE JUNIOR, F. S.; GONDIM, M. S. *Ferramentas subjetivas em uma metodologia socioeducativa para a formação de trabalhadores*. *Revista Labor*, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2008.
- DELORS, J. *Educação, um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, 1998.
- FIRACE, T. *Pedagogia Sistêmica – depois da última curva do rio, o começo: Adultecer*. Belo Horizonte: Instituto Imensa Vida, 2013.
- FRANKIE-GRICKSCH, M. *Você é um de nós: percepções e soluções sistêmicas para professores, pais e alunos*. Patos de Minas: Atman, 2009.
- GARDNER, H. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- GUEDES, O. *Pedagogia sistêmica: "o que traz quem levamos para a escola? "*. Curitiba: Appris, 2017

Capítulo 05

VIVÊNCIAS EM PEDAGOGIA SISTÊMICA: o afeto veio para a aula

João Wilame Coelho Graça

Kelma Socorro Lopes de Matos

1. Bert Hellinger, Marianne Franke Gricksh e a Pedagogia Sistêmica

A pedagogia sistêmica inicia a partir do trabalho de Bert Hellinger. Esse filósofo e terapeuta é o mentor do sistema de constelação familiar (Terapia Sistêmica Fenomenológica), que é uma forma de obter autoconhecimento e harmonia espiritual, e cura feridas emocionais gravadas no grupo familiar e na própria pessoa. Pelas obras que estudamos no decorrer da disciplina Educação e Espiritualidade, destacamos os livros sobre Pedagogia Sistêmica de Marianne Franke Gricksh (2009), Olinda Guedes (2012) e Tarso Firace (2013). Através desses autores, vimos como tem sido importante o desenvolvimento dessa pedagogia junto aos estudantes e suas famílias.

A terapia das constelações familiares é de tipo transpessoal. O sucesso do trabalho em constelação familiar despertou os olhares de pesquisadores de várias áreas para a sua importância, inclusive de estudiosos ligados à área da pedagogia como por exemplo: Marianne Franke Gricksh (2009), Olinda Guedes (2012) e Tarso Firace (2013). A ideia geral desses educadores é a de que a mesma harmonia, transformações e autoconhecimento alcançados nos processos de um trabalho de constelação é possível conseguir em

sala de aula, o que incide em aprendizado e bem-estar para os alunos e todos os envolvidos no processo pedagógico.

A pedagogia sistêmica vai além do paradigma convencional de ciência. Percebe o mundo como um sistema inteligente, como prenunciado pelo olhar da ciência quântica. Marianne Franke, por exemplo, instiga-nos a pensar sobre o que é um sistema? O que é pensar sistematicamente? Ora, não somos seres apartados de nosso contexto familiar, social e espiritual. Somos profundamente ligados, e na verdade, somos o resultado destas imbricações. A Pedagogia Sistêmica diz-nos que ao olhar para uma pessoa não podemos deixar de enxergar, por meio dela, todo um amplo sistema de relações. Olhar para o aluno é olhar a história de toda a sua família. Entender seu presente é desvendar também todo o seu passado, e o de seus ancestrais. Contribuir para a cura do olhar triste daquele aluno que senta no último banco da sala, é resgatar o sofrimento ancestral que está gravado em sua alma e na alma de sua família.

O que há de extraordinário nas constelações familiares é primeiramente o próprio método. É singular e fascinante observar, quando um cliente coloca em cena pessoas estranhas para representar seus familiares em suas relações recíprocas, como essas pessoas, sem prévias informações, vivenciam sentimentos e usam palavras semelhantes às deles e, eventualmente, até mesmo reproduzem os seus sintomas. Quando os representantes são instados a expressar em movimentos o que sentem, eles frequentemente exprimem uma dinâmica da alma que revela destinos ocultos, que o próprio cliente desconhecia. Algumas vezes, o que os representantes sentiram só fica claro para o cliente depois que ele se informa com sua família. Mesmo quando os representantes não estão totalmente presentes, quando estão envolvidos com seus próprios problemas ou, por consideração, não ousam exprimir adequadamente o que sentem em seus papéis, podemos geralmente confiar neles. A surpresa do cliente, seus gestos de

confirmação, o saber interior, o alívio e a abertura liberadora para modificações, o seu assentimento e, finalmente, os efeitos produzidos no cliente e em sua família são, em última análise, critérios para comprovar que os representantes sentiram corretamente (SCHNEIDER, 2007, p. 25).

O ato de aprender aqui transcende a educação do modelo bancário, em que o professor impõe informações ao aluno. Aprender é perceber-se e perceber o mundo. É descobrir que precisamos nos "conectar" a nós mesmos por meio da natureza espiritual interna presente em cada um de nós. Ao conectarmo-nos conosco, conectamo-nos com todos. Ao entrarmos em contato com "nosso campo", passamos a ser mais amorosos, mais compreensivos, a não culpar pais e familiares, e sim termos empatia por suas situações, assim como também a vermos o mundo como um campo de oportunidades e de aprendizado. (HELLINGER, 2006; HELLINGER, 2005; SCHNEIDER, 2007).

A pedagogia sistêmica, portanto, é uma ferramenta pedagógica que "abre" nosso olhar para superarmos muitos dos preconceitos e atavismos que atravancam o processo educacional. Descobrimos horizontes que nos levam a superar rótulos comuns, ainda, presentes em sala de aula. O aluno do "fundão" não precisa mais ser visto como problema, o aluno calado e não empático, da mesma forma. Os limites do contexto de aprendizagem ampliam-se e acontece a inclusão e o respeito.

No pensamento de Bert Hellinger (2005, 2006) há determinados conceitos centrais que formam a chamada "ordem do amor", nisso há marcadores importantes como: a importância na ordem familiar de quem veio primeiro e quem veio depois (hierarquia e respeito quanto ao lugar que cada um ocupa no sistema familiar), a importância da inclusão de todos e de cada um no sistema, a importância da cultura de origem de cada pessoa e também o sentido

das interações e o que cada interação traz de aprendizado e autoconhecimento. Tomando esses tópicos por base, a pedagogia sistêmica desenvolve um trabalho voltando esses saberes para o campo pedagógico, aplicando esse conceitual na experiência de sala de aula.

2. A Pedagogia Sistêmica e o Autoconhecimento

O pensamento oriental acredita que não podemos falar com propriedade daquilo que não experimentamos internamente. Assim, o terapeuta, por exemplo, só pode conduzir o paciente até onde ele mesmo já foi. Inspirado nesse saber oriental, podemos concluir que a disciplina nos abriu a perspectiva de vivenciar e experimentar conhecimentos sobre nós mesmos e sobre nosso sistema familiar e nosso campo mórfico (SHELDRAKE, 2014), que nos ajuda na maturação de nós mesmos.

Na disciplina, fomos tocados em nossas almas, logo como educadores também fomos profundamente tocados pela pedagogia sistêmica. Se como pessoas ficamos melhores, mais receptivos, mais perceptivos, mais amorosos, acreditamos que tudo isso também se refletirá em nossa prática pedagógica. Como poderia ajudar o outro sem antes ter experimentado sermos ajudados e crescermos a partir daí? Como professores precisamos ser ótimos alunos, bons aprendedores e buscadores, aguçando nossa sede de compreender o mundo e compreendermos a nós mesmos.

Outro ponto de grande importância foi vivenciarmos a terapia do espelho, a partir do momento em que compartilhamos com os colegas de todos os momentos de dinâmicas pedagógico-terapêuticas. Poder exercitar essa interação e ver as reações, além das nossas, promoveu um grande aprendizado que talvez, seja fruto daquilo que Tarso Firace nos ensina, que quando um aluno aprende algo, os demais também recebem aquela energia de aprendizado (FIRACE, 2013; MATOS,

2013; MATOS, 2014; MATOS, 2015). É importante a reflexão de que podemos perder muitos aprendizados por não compartilharmos nossos sentimentos, medos e fragilidades.

Somente em momentos e locais especiais temos a liberdade de sermos autênticos sem sentirmos o peso do julgamento castrador. As vivências em ambientes coletivos enriquecem e resgatam partes de nossa alma de criança, da "tal criança ferida" da qual falam os terapeutas. O sentimento e a emoção precisam, no mundo formal, viver escondidos e mascarados. Eles não podem se apresentar em público pois o peso do julgamento nas relações sociais está sempre presente (FIRACE, 2013; SCHNEIDER, 2007)

Aprender sobre nossa família; nosso povo e nosso planeta com inteireza é essencial. Os bons pedagogos dizem que não há aprendizado se não há descoberta e envolvimento, de fato isso é pura verdade. Descobrir sobre nós mesmos e nossa família é animador para esse envolvimento, pois, de repente, lá estamos comparando aquilo que diz o autor com a realidade familiar, observando, de modo cuidadoso nossos irmãos, mãe e pai, para entendê-los e entendermo-nos, sem julgamentos, com amorosidade, incluindo-os como são.

O professor quando vê os alunos também vê seus pais por detrás deles. Toma os pais das crianças para dentro de seu coração, independente de como sejam, pois, todos os pais são perfeitos, no seu papel de pais. Um professor respeita o que tem de especial em uma família, quando encontra uma criança, sem ter a fantasia de que essa família deveria ser diferente do que ela é (HELLINGER, 2007, p. 115).

Dissemos anteriormente e reafirmamos, agora, a importância desse estudo, no sentido de superar preconceitos e rótulos evidenciados em sala de aula. É fácil julgar um aluno pelas primeiras impressões que temos dele. Há, dessa forma, o aluno desligado, o aluno que senta na frente e

presta atenção, o aluno que gosta de contribuir e falar sobre o tema, o aluno que sempre quer expressar-se quanto aos fatos políticos. Nosso senso comum liga-os e remete-os, de imediato, a estereótipos por vezes preconcebidos. O mesmo pode ocorrer com alunos em relação aos docentes. Acolher é permitir que todos possam ser olhados, levando em consideração o profundo de suas almas. Todos têm em si um universo amplo e que vai além das primeiras impressões.

Quando humanizamos o que sentimos por nossos familiares e passamos a ter empatia com essas pessoas humanas, pois toda pessoa humana é portadora de defeitos e qualidades, conseqüentemente, ampliamos essa empatia para as demais pessoas. Descobrir que cada pessoa possui uma história espiritual, além de material, com dores, alegrias, vitórias e fracassos, torna-as mais próximas de nós, que também nos construímos, constantemente, nesse mesmo barco/vida e também buscamos crescer e superarmos medos e aflições. (MATOS, 2013; MATOS, 2014; MATOS, 2015)

2. A pedagogia sistêmica e a prática em sala de aula

Em sala de aula, utilizamos técnicas da pedagogia sistêmica, sob a condução da professora Kelma Matos. Tais práticas, de acordo com o que observamos em nós mesmos e nos demais colegas, tiveram êxito e promoveram aprendizados importantes, principalmente, no que toca o conhecimento e percepção de nós mesmos. Sentimos que o conjunto de vivências que experienciamos, ao longo da disciplina, tiveram um caráter formativo. Assim, são muitas as possibilidades abertas pela pedagogia sistêmica que nos fazem melhores educadores, e antes disso, melhores pessoas.

Em nossos estudos e vivências, tivemos a oportunidade de experienciar os efeitos magníficos da pedagogia sistêmica, com profundidade, durante a disciplina, e os resultados surgiram e são perceptíveis. Fomos realmente

beneficiados, como também acompanhamos os relatos de colegas que observaram em si fortes efeitos positivos, resultantes dos aprendizados (FRANKE-GRICKSCH, 2009; GUEDES, 2012; MATOS, 2014; MATOS, 2015).

Uma questão fundamental que hoje temos consciência de que será um norte para nossa prática pedagógica é o sentido da inclusão. Dizemos isso baseados em nossas experiências docentes em cursos de teologia, assistência social, direito, administração e outros. Vimos em muitos rostos de estudantes, estampada a força da exclusão. E é uma história que se repete, o aluno não se sente parte e se distancia, tem dificuldades com o curso, notas baixas, não colabora, abre-se uma vala entre professor e aluno. Quanto disto podemos superar por meio da pedagogia sistêmica e sua proposta de inclusão. (GUEDES, 2012; HELLINGER, 2006)

É preciso responsabilidade e conhecimento quanto às formas de aplicação e a criatividade de cada docente. É um desafio a ser enfrentado, nem tudo pode vir pronto, precisamos de empatia e empolgação para construirmos um novo paradigma pedagógico. A essência de cada ensinamento da pedagogia sistêmica pode ser trabalhada nas salas de aula. É preciso compreender que a instituição também possui campos mórficos. Então tentar entender um pouco dessa energia que povoa cada ambiente é fundamental para podermos começar a trabalhar. Tentar tornar menos densa a atmosfera energética de cada local é também uma atividade inicial que pode ajudar bastante.

Acreditamos que se a relação professor-aluno é estabelecida com empatia e com a espiritualidade da troca e da interação, o ambiente de aula torna-se rico para experimentações. Assim, a disciplina tocou nossos corações, pois a docente foi construindo e convidando-nos a construir, a cada aula, um terreno fértil de interação e aprendizagem. Para interagir é preciso pedir e deixar claro que a ajuda dos alunos é fundamental. Que as experiências e saberes

que cada aluno traz é importante, de verdade. Fomos vivenciando e aprendendo que é possível aprender com acolhimento, amorosidade, competência compreensão e gratidão. Com tudo incluso.

Referências

- FIRACE, Tarso. *Pedagogia Sistêmica*. Depois da última curva do rio, o começo: Adultecer. Goiás: Abrindo as Velas, 2013.
- FRANKE-GRICKSCH, Marianne. *Você é um de nós: percepções e soluções sistêmicas para professores, pais e alunos*. Patos de Minas: Atman, 2009.
- GUEDES, Olinda. *Pedagogia Sistêmica: o que traz quem levamos para a escola*. Curitiba: Appris, 2012.
- HELLINGER, Bert. *O essencial é simples-, terapias breves*. 2 ed. Patos de Minas, Atman, 2006.
- _____, Bert. *Histórias de Amor*. Patos de Minas: Atmam editora, 2007.
- MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de. *Cultura de Paz, Ética e Espiritualidade II* (Org). Fortaleza: UFC, 2013.
- _____, Kelma Socorro Lopes de (Org). *Cultura de Paz, Ética e Espiritualidade IV*. Fortaleza: UFC, 2014.
- _____, Kelma Socorro Lopes de. *Cultura de Paz, Ética e Espiritualidade* (Org). Fortaleza: UFC, 2015.
- SCHNEIDER, Jakob Robert. *A prática das constelações familiares*. Patos de Minas: Atman, 2007.
- SHELDRAKE, Ruppert. *Uma nova ciência da vida*. São Paulo: editora Cultrix, 2014

Capítulo 06

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA UMA EDUCAÇÃO SISTÊMICA: um relato de experiência e suas descobertas

Catarina da Graça Almeida Matos¹²

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um relato, através de três pontos sobre os aprendizados e as experiências vividos durante a minha participação na disciplina Educação e Espiritualidade, ofertada aos estudantes do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação (FACED), da Universidade Federal do Ceará (UFC).

É importante ressaltar que a disciplina Educação e Espiritualidade faz parte da grade curricular da linha de Movimentos Sociais dos cursos de Mestrado e Doutorado acadêmico da FACED. Nela os docentes ministrantes buscam contemplar seus eixos de pesquisa, apresentando aos discentes novas perspectivas e contribuições em educação para a realidade atual da sociedade.

No semestre 2016.2, a professora Kelma Matos foi responsável pela disciplina, e apresentou, entre outros temas, o trabalho com a Pedagogia Sistêmica, por entender que esse estudo se faz necessário à formação e prática docente em todas as suas instâncias, conhecimento esse que

¹² Licenciada em Letras-Português, pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestranda em Educação Brasileira, pela UFC, Professora da Educação Básica no estado do Ceará, Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Cultura de Paz, Juventudes e Docentes (UFC), Colaboradora da Rede de Aprendizagem Cooperativa do estado do Ceará. E-mail: catarinagamatos@gmail.com

une saberes das mais diversas áreas como educação, psicologia e espiritualidade. Discorreremos, ao longo do texto sobre três aspectos específicos que dizem respeito aos estudos realizados na disciplina mencionada, e que foram solicitados pela docente como reflexão: 1) O que é Pedagogia Sistêmica; 2). Vivencialmente, como a disciplina contribui com a minha prática pedagógica; 3) O que desse aprendido pode ser aplicado em sala de aula.

1. O que é Pedagogia Sistêmica

A Pedagogia Sistêmica originou-se a partir dos trabalhos do filósofo e professor alemão Bert Hellinger, através de suas vivências como missionário na África do Sul, num contexto de *apartheid*, o estudioso teve a oportunidade de pensar perspectivas diferentes para identificar questões de conflito e consciência.

Oliveira Júnior, Oliveira e Fonseca (2014) esclarecem-nos mais a respeito da Pedagogia Sistêmica,

Pedagogia Sistêmica não é na verdade uma metodologia em si. Ela mostra como muitas das intervenções desenhadas para solucionar problemas na relação escola-aluno-família falham devido ao desconhecimento das leis inconscientes que governam o grupo familiar. Mostra ainda como é possível, através do conhecimento dessas leis, atuar de forma simples e marcante, atingindo os objetivos propostos. Nesse sentido, a abordagem não exclui nenhuma metodologia já existente e aproveita todas as formações e conhecimentos progressos do corpo docente e dirigente da escola. Apenas, através do referencial novo propiciado pela abordagem podemos re-enquadrar as intervenções dentro de um referencial mais efetivo (OLIVEIRA JÚNIOR, OLIVEIRA e FONSECA. 2014, p. 6).

Podemos, portanto, concordar que a Pedagogia Sistêmica é um trabalho com abordagem psicoterapêutica, que vem contribuindo em áreas como a educação e a saúde, pois entende que cada ser humano está inserido, de modo profundo, em um sistema familiar, e esse muitas vezes apresenta-se em desequilíbrio, o que pode ser a causa de muitas problemáticas nas vidas das pessoas e a solução, então, é trabalhar para que o equilíbrio dessa teia seja retomada, e, assim, as vidas em suas subjetividades possam continuar seu curso. Para confirmar isso, Franke-Gricksch (2009, p.19) diz que, "estamos entrelaçados nos destinos de nosso grupo familiar em um nível muito profundo e inconsciente", e precisamos compreender quais são "as forças de atuação que as relações com nossos pais, irmãos, avós, tios e tias podem revelar".

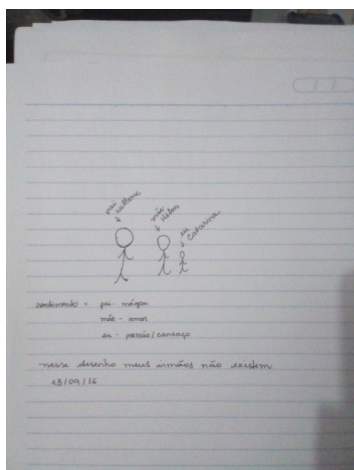
Uma das formas de abordagem da Pedagogia Sistêmica é aplicar técnicas em que as pessoas que fazem parte do processo terapêutico participem de um tipo de representação, explicando de maneira simplista, na qual podem conversar com seus familiares sobre angústias, dores e sentimentos diversos, que trazem consigo a respeito das relações com esses parentes. Os familiares normalmente não estão presentes durante essas "conversas", para tanto existem as pessoas que os representam, como já evidenciado. Franke-Gricksch (2009, p.20) explica-nos mais objetivamente,

Nas constelações familiares são retratadas imagens de famílias através dos representantes escolhidos. Durante o processo de uma constelação forma-se um campo no qual os representantes experimentam sentimentos e posturas das pessoas que representam. Assim poderíamos dizer que o campo da família que emerge é um fenômeno que condiciona posturas e sentimentos dos membros individuais da família. Numa constelação familiar, a mudança de postura por parte do cliente pode reordenar esse campo e isto é vivenciado como algo que tem um efeito curador.

Em minha família, as mulheres são o centro de tudo, são a referência também, tanto do lado paterno, quanto do lado materno. Ao fazer o desenho, a minha atenção sempre estava voltada para elas. Acredito que temos nos sobrecarregado de papéis ao longo de nossa história familiar, e agora entendo que é preciso trabalhar pelo reequilíbrio desse sistema, agradecendo pela vida que me foi dada, e continuando a minha jornada, respeitando os destinos de todos.

A partir dessa experiência, pude perceber o quão significativo é trabalhar com a Pedagogia Sistêmica, pois reflito sobre minha própria vida e busco novas formas de me comportar diante de determinadas situações, possibilitando uma melhor compreensão dos meus verdadeiros papéis, permitindo que os demais vivenciem os seus.

Em outra atividade, de resultado bastante interessante, também com desenhos, desenhei meu núcleo familiar sem os meus dois irmãos. Não sei explicar o porquê, contudo minha relação com eles é de bastante amor e harmonia. Talvez intimamente eu quisesse dizer que meus "desequilíbrios" dizem respeito às minhas relações com minha mãe e meu pai. Não sei ainda. Abaixo o desenho da atividade descrita:



Sentimento

Pai = mágoa

Mãe = amor

Eu = depressão/cansaço

Nesse desenho meus irmãos não existem
13/9/16

Trabalhamos bastante com a Pedagogia Sistêmica, a cada final de aula formávamos o campo para iniciar uma vivência. Foram momentos riquíssimos, de muita troca de emoções, confiança com as pessoas presentes e sentimento de gratidão pela oportunidade de buscar alinhar/equilibrar o nosso sistema familiar.

Enquanto educadora, acredito que tais vivências permitem ir mais adiante no trabalho sistêmico em sala de aula. Inclusive, passei a perceber mais os tipos de comportamentos de meus estudantes, e fiquei curiosa sobre como seriam suas relações familiares. Passei a pensar estratégias de trazer a família para mais próximo de nós, da nossa turma escolar. Sou professora em uma escola pública e responsável por uma turma de 2º ano do ensino médio, através de um projeto da rede chamado Projeto Diretor de Turma, a partir dele tenho maior acesso a esse grupo de estudantes bem como aos seus familiares. Fiz uma atividade durante uma reunião com os familiares na escola que unia filhos e mães, e o resultado foi bastante positivo, principalmente, quanto ao clima emocional da turma.

É estimulante o relato de Franke-Gricksch sobre sua experiência com a Pedagogia Sistêmica,

As constelações familiares me conduziram a uma nova compreensão dos alunos. Vi como estão inseridos em suas famílias e sua lealdade a elas. Mas também reconheci as forças que empregavam constantemente para ligar sua família à vida escolar e percebi que essas forças poderiam ser frutíferas. Na verdade, isso acontece quando nós, professores, abrimos os nossos corações às famílias, permitindo-lhes entrar em nossas salas de aula como uma presença invisível e permanente (FRANKE-GRICKSCH, 2009, p. 21)

Estando na escola todos os dias, tenho percebido, com mais intensidade, a urgência de um trabalho voltado para uma dimensão mais emocional dos estudantes, principalmente, porque é na escola que eles têm passado a

maior parte do tempo de suas vidas. E é nela que as problemáticas emergem, e muitas vezes “explodem”, quando isso acontece, nossa formação, ainda bastante racionalista, materialista, não dá conta de assistir os discentes de modo adequado.

3. Como trabalhar a pedagogia sistêmica em sala de aula

Em nosso percurso de estudo, tivemos a oportunidade de conhecer três obras que trouxeram experiências em Pedagogia Sistêmica, seus processos e resultados. A primeira, intitulada *Você é um de nós*, da autora Marianne Franke-Gricksch (2009) que mostra um relato de experiência incrível sobre como ela, professora de crianças, de diferentes credos, culturas e histórias de vida, conseguiu ajudar estudantes e seus familiares a encontrar o equilíbrio dos seus sistemas familiares.

Ela utilizou diversas estratégias em sala de aula, e fora dela para realizar esse trabalho. Uma atividade específica, que chamou mais atenção, tratou de um painel em homenagem aos parentes falecidos dos estudantes. Esse espaço era composto por fotos dos entes queridos, e esses eram lembrados e reverenciados por toda a turma. Acredito que esse tipo de atividade pode ser facilmente replicada em qualquer ambiente escolar. Tenho o desejo de realizar algo parecido em minha turma no ano letivo de 2017, mas a proposta é de suporte/incentivo, pois eles estarão no ano final do ensino médio, com a pressão de ingressarem na universidade. Minha ideia é desenhar uma árvore na parede da sala e nela colocarmos fotos das pessoas da família que representam força, incentivo, apoio e suporte a cada um dos jovens estudantes, assim eles poderão ter mais alguém “dentro da sala” ajudando-os na jornada acadêmica.

Na obra *“Depois da última curva do rio, o começo: adulterar”*, de Tarso Firace (2013), encontramos um tipo de poema que simboliza a árvore como “sujeito em desenvolvimento”, bem característico da fase da adolescência, pela qual meus estudantes estão passando:

Aprendendo a ler árvores
Olho para ti querida árvore
Vejo tão somente a tua parte visível
Deixo que enchas meus olhos com teu ser.
Com a cor de teu tronco, galhos e folhas.
Sei que para dentro da terra te
Esquias no mesmo tanto de matéria
Sólida que te espichas para o céu.
Tuas raízes invisíveis é que sustentam teu corpo
Que se jacta para fora
Na incessante busca de luz.

[...]

Teus braços mostram tua força
Tuas folhas tua delicadeza
Tua flor a primavera
Teu fruto a doçura da vida.
Tua história árvore querida,
Conta a história dos hábitos de todas as árvores,
Não só de tua espécie
Mas de tua região.
(p.27 e 28)...

Nessa obra, uma das grandes lições diz respeito ao educador sistêmico, aquele que “adulterou”, esse compreende sua tarefa, e ao compreendê-la, pode sentir-se livre, pois tem condições de trabalhar estratégias que contribuam para o ree-

quilíbrio do sistema familiar dos educandos, aprende também a respeitar o destino desses, seja esse qual for.

Em *“O que traz quem levamos à escola”*, de Olinda Guedes (2012), são apresentadas as três necessidades essenciais que atuam sobre nós, seres humanos, segundo o filósofo Hellinger, essas são chamadas por ele, As Leis do Amor ou Leis da Vida:

1ª Lei – Pertencimento

Nela compreende-se a ideia de que é preciso nos sentirmos seguros, incluídos nos grupos e/ou espaços onde estamos. Na escola, percebemos o quanto o sentimento de acolhimento que o estudante sente pode afetar definitivamente seu processo de aprendizagem.

2º Lei – Compensação

Essa lei aponta para a justiça, nas relações humanas é importante a dinâmica do “dar e receber”, ou seja, trazendo para o âmbito escolar, quando a criança recebe de seus parceiros escolares, e professor coisas boas, ela tem a vontade de retribuir pelo que recebeu, seja apresentando um bom desempenho acadêmico, seja contribuindo com a harmonia dos espaços de interação na escola.

3º Lei – Ordem

Tal lei carrega consigo a ideia de alinhamento e equilíbrio do sistema. Muitas vezes, professores colocam-se em papéis que não são os seus, como de pais e/ou amigos dos discentes. Essa postura causa certa desordem no sistema, que como consequência afeta, inclusive, a saúde dos envolvidos, excesso de funções e cuidado são característica bastante notórias nos docentes hoje em dia, isso não pode acontecer, e a lei de ordem vem alertar-nos sobre a necessidade de reconhecermos-nos em nossos lugares. E isso é suficiente.

Reconhecendo as Leis do Amor, a prática docente torna-se mais clara e saudável. Podemos fazer nosso tra-

balho de maneira segura e paciente, pois quando levamos em consideração tais leis, compreendemos a dinâmica do sistema e contribuimos para que os destinos individuais sigam suas jornadas, que são sempre coletivas. Trabalhar com a Pedagogia Sistêmica é trabalhar com uma consciência mais ampla da educação. É necessário cuidado e sensibilidade para entender os processos e saber o que fazer com as situações que vão surgindo. Acredito que essa forma de educar contribua para o fortalecimento de laços ,tanto na escola quanto nas famílias, e deve ser utilizada juntamente a outras estratégias educativas que contemplem uma educação integral e transformadora para os nossos educandos.

Referências

- FIRACE, Tarso. *Depois da última curva do rio, o começo: Adulterar*. Pedagogia Sistêmica. Ano: 2013 /Páginas: 180, Editora Abrindo as Velas.
- FRANKE-GRICKSCH, Marianne. *Você é um de nós: percepções e soluções sistêmicas para professores, pais e alunos*. Tradução de Décio Fábio de Oliveira Júnior. 2ed. 2009, Patos de Minas: Atman.
- GUEDES, Olinda. *Pedagogia Sistêmica: "o que traz quem levamos para a escola?"* 1ed. 2012, Curitiba: Appris.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Décio Fábio de. OLIVEIRA, Wilma Costa Gonçalves.
- FONSECA, Hellen Vieira. *O que é Pedagogia Sistêmica e como ela pode ajudá-lo?* (2014). Disponível em: <http://www.profdoni.pro.br/home/images/sampled/2014/livros/o_que_e_a_pedagogia_sistemica.pdf> Acesso em 28 de janeiro de 2017.

Capítulo 07

PEDAGOGIA SISTÊMICA E CULTURA DE PAZ

Cristiane Carvalho Holanda¹³

1.Introdução

O presente artigo é fruto de uma reflexão dos principais aprendizados e vivências da disciplina Educação e Espiritualidade, ministrada pela Profa. Dra. Kelma Matos, no Doutorado em Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC, e de algumas sínteses apreendidas nos seminários de Cultura de Paz, oferecidos pelo grupo de pesquisa, coordenado por essa mesma docente.

Produzir um texto, a partir de sentimentos, sensações e reflexões de algo já vivido, é refazer a própria história como oportunidade de guardar na consciência e no coração o essencial. Nessa disciplina, dentre outros autores, lemos, discutimos e vivemos o trabalho de Pedagogia Sistêmica sugerida nos livros “Você é um de nós: percepções e soluções sistêmicas para os professores, pais e alunos” de Marianne Franke Gricksch (2009), “O que traz quem levamos para a escola? Pedagogia sistêmica”, de Olinda Guedes (2012), “Pedagogia Sistêmica, depois da última curva do rio, o começo: Adultecer”, de Tarso Firace (2013). Ao reconstruir essa tra-

¹³ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Mestra em Educação pela UFC, Especialista em Psicologia Transpessoal (UVA), Graduada em Pedagogia (UFC), Professora Assistente VIII (UVA), Professora e coordenadora da graduação e pós-graduação (UVA, UECE e UNIFOR) dos cursos de Educação Biocêntrica, Gestão de Pessoas, Dinâmicas de Grupo, Políticas Educacionais (1998-2007), Chefe de Gabinete da SEDUC-CE (2007–2014), Coordenadora do Fórum Estadual de Educação ((2010-2012), Coordenadora de articulação de mediação, Justiça Restaurativa e Cultura de Paz do Pacto Por um Ceará Pacífico, Vice Governadoria – CE (2015-2016). E-mail: cristianeholandac@gmail.com

jetória procuramos articular os aprendizados acerca de uma Cultura de Paz com as assimilações obtidas nas vivências e reflexões a respeito da Pedagogia Sistêmica.

Refazer o caminho é pisar duas vezes no mesmo solo, da segunda vez nossas experiências e mudanças do campo energético permitem-nos falar de um outro lugar. É uma oportunidade de rever-nos através do tempo, com a ampliação da consciência e das percepções e sensações, que foram se transformando pela força do coletivo da sala de aula, e pelas oportunidades de diálogos internos, realizados no espaço do próprio silêncio.

É um momento de devolver o que foi ruminado no pensamento, a partir do próprio olhar e do olhar do outro. É uma narrativa simultaneamente histórica, espiritual, reflexiva do que foi incorporado, ou seja, trazido para dentro do corpo (incorporado), e que, acreditamos, sedimentaram marcas profundas no nosso jeito de ser e de viver, no que somos hoje, e no que poderemos vir a ser.

Trabalhar por uma Cultura de Paz é partir do princípio de que a paz que nós queremos depende do nosso esforço em compreender que os conflitos internos e interpessoais são inerentes à condição humana e que, precisamos encará-los com positividade e oportunidade de transformações. Ao conhecer a Pedagogia Sistêmica, percebemos que ela é um caminho possível para encontrar a paz, na família, nos outros e na humanidade. Ao mudar nosso jeito de ser conseqüentemente mudamos o mundo inteiro, como afirma Gandhi "Seja você a mudança que você quer ver no mundo", ou ainda, o lema da Brahma Kumaris "Quando você muda, o mundo muda com você". Por isso existe uma profunda articulação e integração nos princípios, nas propostas e nos valores de projetos voltados para uma Cultura de Paz com a Pedagogia Sistêmica, ambas trabalham para construir uma paz no mundo, partindo da nossa história de

vida individual e familiar e da reflexão existencial e energética nas nossas relações no cotidiano.

2. Por uma Cultura de Paz

É importante ressaltar que a Cultura de Paz, como conceito que norteia as reflexões aqui propostas, vincula-se ao conceito adotado pela Organização das Nações Unidas - ONU e à agenda de HAIA (HOLANDA), quando a ONU e ativistas pela paz e a não violência, em 1999, constataram que:

(...) seus esforços só teriam sentido caso assegurassem às futuras gerações uma cultura radicalmente diferente daquela oferecida: uma educação que em vez de glorificar a guerra, contribuísse para a Paz, os direitos humanos e a cooperação internacional. Lançaram então a CAMPANHA GLOBAL DE CULTURA PARA A PAZ, na firme convicção de que não haverá Paz no mundo sem educação para Paz, assumindo um duplo objetivo de criar reconhecimento público e suporte político para a introdução da Educação pela Paz em todas as esferas da educação (...) (GUIMARÃES, 2006, p 15)

Pressupomos, portanto, que construir uma cultura de paz não é enunciar apenas, de forma idealizada, a busca de harmonia, negando situações de violência, pois, a paz não se apresenta como oposta aos conflitos, estes são próprios às relações humanas. O que podemos fazer é trabalhar no sentido de avançar, tanto com políticas públicas voltadas para garantir segurança e justiça, como com políticas sociais direcionadas ao reconhecimento dos tipos de conflitos e estratégias para resolvê-los. Dessa forma, concordamos com o pensamento de Matos, Castro e Nascimento quando afirmam que:

Torna-se necessário considerar esse compromisso da construção de valores de tolerância e Paz nas diversas formas de trabalhar os conflitos, aliando as experiências com a busca do esclarecimento das reais causas das adversidades, para relativizar as experiências, e não cair no erro de considerar a Cultura para a Paz de forma superficial e imediatista, como instrumento mascarador da realidade (MATOS, CASTRO E NASCIMENTO, 2008, p. 26,).

Não se trata de polarizar no direcionamento das políticas de Segurança Pública ou Políticas Sociais, na realidade políticas repressivas e políticas preventivas não são excludentes, ao contrário são complementares e devem acontecer ao mesmo tempo e de forma integrada, de preferência nos princípios da justiça restaurativa.

Assim, nos filiamos ao pensamento da Assembleia das Nações Unidas de 1999, quando instituiu o Programa de ações para construir uma Cultura de Paz no mundo (Resolução UN-A/53/43) baseado em um trabalho da UNESCO que propôs oito bases para Cultura de Paz conforme veremos a seguir: 1. Educação para PAZ e resolução de conflitos; 2. Desenvolvimento sustentável (redução das desigualdades sociais e erradicação de famílias na extrema pobreza, valorizar experiências locais exitosas); 3. Direitos Humanos; 4. Igualdade de gêneros; 5. Participação democrática; 6. Tolerância e solidariedade entre os povos (principalmente imigrantes e grupos mais vulneráveis); 7. Comunicação participativa e acesso livre à informação; 8. Paz e segurança internacional (incluindo desarmamentos)

Ressaltamos a importância de ações na perspectiva da construção de uma cultura de paz por entendermos que está diretamente vinculada à nossa proposta de trabalhar a ideia de que a paz é construída através dos processos de mudanças sociais e individuais, e nesse sentido, articulamo-nos com a pedagogia sistêmica. Essa abordagem

permite que analisemos profundamente a nossa origem enquanto cidadãos planetários e seres humanos em processo de permanente transformação. A Pedagogia Sistêmica traz de dentro para fora e de fora para dentro nossos conflitos interpessoais e intrapessoais, permitindo que o contato com as nossas dificuldades e a dos nossos ancestrais possam vir à tona nas vivências.

3. Meu envolvimento pessoal com a temática Cultura de Paz

Passo a escrever este tópico na primeira pessoa do singular para que minhas motivações fiquem mais claras. As questões voltadas para a construção de uma cultura de paz me movem profundamente e a busca dessas respostas é tarefa de uma vida inteira. É um pacto que tenho abertamente com a minha missão de vida. É o que ocupa o meu coração, meus pensamentos e minha busca espiritual maior. Traduz-se como o encontro com o sentido da minha vida na permanente construção de um mundo mais justo para todos. Busca essa que nem sempre é fácil e tranquila, mas que, mesmo com dificuldades e sofrimentos, gera crescimento inerente à força maior de existir.

Como bem expressou Victor Frankl em sua experiência no campo de concentração de Auschwitz-Alemanha: "(...) inerente ao sofrimento, há uma conquista, que é uma conquista interior. A liberdade espiritual do ser humano, a qual não se lhe pode tirar, permite-lhe, até o último suspiro, configurar a sua vida de modo que tenha sentido. (...)" (FRANKL, 2008, p. 57). Acredito que a paz é um permanente vir a ser, um movimento de construção de uma identidade individual e coletiva que tem como base a busca do equilíbrio, da felicidade e de um sentido mais profundo da vida, que só é possível quando encontramos por nós mesmos. Ainda segundo FRANKL (2008, p.7).

Se há, de algum modo um propósito na vida, deve havê-lo também na dor e na morte. Mas, pessoa alguma pode dizer à outra o que é esse propósito, cada um deve descobri-lo por si mesmo e aceitar a responsabilidade que sua resposta implica, se tiver êxito, continuará a crescer apesar de todas as indignações (...) Frankl citando Nietzsche afirma quem tem por que viver pode suportar quase qualquer como.

Nesse sentido, a pulsação de vida e morte, sofrimento e felicidade provocam movimentos interiores geradores de paz, aquela que nada nem ninguém pode tirar. O caminho é o princípio e o propósito considerado fundamental por diversas filosofias espiritualistas. Como amar o próximo como a si mesmo? Como viver essa conexão consigo mesmo, com o outro e com a totalidade, capaz de gerar a paz que tanto buscamos? Como afirma Frankl “dizer sim à vida, apesar de todos os aspectos trágicos da existência humana.” (2008, p.11). Assim, também, compreende Boff (2011), quando expressa que a espiritualidade está ligada à dimensão mais profunda do ser humano, conectada diretamente ao florescer de sua plena individualização, mesmo no meio dos conflitos e sofrimentos sociais existentes. Essas são motivações de ordem pessoal que permeiam minha própria caminhada em busca da espiritualidade, semelhante ao conceito explicitado por Olinda (2008, p.18).

O conceito de espiritualidade é entendido numa tripla dimensão, explicitando sua vinculação com processos individuais e coletivos de (trans)formação: como transcendência – marca a possibilidade de abertura para uma relação cada vez mais próxima a Deus; como caminho – indica o processo de autoconhecimento e do aprendizado de relacionar-se amorosamente com todos os seres vivos e de abraçar generosamente a alegria de servir; e como compromisso ético-político – aponta para o engajamento nas lutas sociais e políticas que garantam a dignidade humana e o respeito à vida.

Essas questões, motivadoras individuais estão contextualizadas na minha história, permeada por experiências ligadas à pedagogia dialógica de Paulo Freire e a busca da construção da paz que direta ou indiretamente me acompanharam por toda vida, que relato a seguir.

Ao encontrar o grupo de pesquisa da professora Kelma Matos e participar das disciplinas, a sensação que tive foi a de juntar peças de um quebra-cabeça apontando o caminho a ser trilhado. Acredito que essa necessidade de ordem pessoal conecta-se com necessidades de ordem social mais ampla. Os trabalhos realizados com a Pedagogia Sistêmica podem trazer luz para um processo que antes estava na escuridão da nossa memória e permite-nos compreender melhor algumas atitudes que dificultam o nosso cotidiano, alguns conflitos internos e externos que atrapalham a busca de uma coerência existencial, de acordo com os princípios e premissas para uma cultura de paz.

4. A Pedagogia Sistêmica e a minha vivência como educadora para a construção de paz

A pedagogia sistêmica é o trabalho em sala de aula influenciado pelas experiências, com a abordagem sistêmica fenomenológica de Bert Hellinger (2003). Essa metodologia acontece quando nós educadores procuramos perceber cada aluno que se encontra sob a nossa responsabilidade com um novo olhar, valorizando todas as suas formas de expressões através da fala, dos desenhos e da escrita e até mesmo do seu próprio corpo para compreender melhor a subjetividade, visando possibilitar uma das maiores necessidades de todo ser humano, ser incluído. E para que isto ocorra, realizamos práticas que colocam o aluno em contato profundo com a sua própria história, a dos seus antepassados e da comunidade em que ele está inserido.

Na busca pelo crescimento pessoal e profissional, muitos educadores e psicoterapeutas que participaram de cursos e vivências de “constelações familiares” oferecidas por Bert Hellinger aprofundaram os seus estudos e ações com famílias e nas salas de aula, e construíram uma proposta pedagógica. Por meio de atividades humanizadoras oportunizaram aos participantes se autotransformarem, auxiliando-os na conexão consigo mesmo, com a família e com a sociedade ao seu entorno. Vários profissionais do mundo inteiro que trabalhavam nessa perspectiva foram consolidando essa abordagem pedagógica. Observei, pelos relatos encontrados nos livros estudados, que ao trabalhar com a Pedagogia Sistêmica nenhum educador permanece a mesma pessoa.

A Pedagogia Sistêmica é um portal para compreender todas as camadas objetivas e subjetivas que envolvem o ato de ensinar e aprender, tais como as competências socioemocionais, que cada um de nós traz para sala de aula, oferecem espaço para que cada um mostre o que realmente é, as nossas belezas e também as nossas dificuldades. Liberando o que estava contido, reprimido e que por isso dificultava o próprio processo de aprender, a baixa autoestima, tão presente nas pessoas que vieram de um histórico familiar fragilizado e com tantas carências e pendências. O professor que trabalha com essa tendência compreende que o essencial, às vezes, está invisível, é preciso acessar todos os campos energéticos e materiais presentes no processo educacional.

Durante seu trabalho com o psicoterapeuta Bert Hellinger, de forma ainda muito mais insistente que seus predecessores (V. Satir, M. Selvini e I. Boszormeny-Nagy) apontou como estamos entrelaçados nos destinos de nosso grupo familiar em um nível muito profundo e inconsciente, e quais as forças de atuação que as relações com nossos pais, irmãos, avós, tios e tias podem revelar (GRICKSCH, 2009, p.19)

Essa abordagem leva em consideração os campos entrelaçados nos nossos destinos como pessoa e nas ordens da família, assim como identifica os padrões que incorporamos dos nossos antepassados, e por respeito a eles precisamos conhecer, honrar, aceitar e desvelar para realizar o nosso adulteramento (FIRACE,2013).

No livro *Pedagogia Sistêmica*, de Tarso Firace, ele apresenta como nasceu e foi desenvolvido o “Projeto Ecologia do Ser”, uma abordagem sistêmica para educadores, que trata de um projeto realizado em Nerópolis e Nova Veneza, no interior de Goiás, em 2013, com um grupo de pesquisadores, educadores e pessoas da comunidade, liderados por uma equipe multiprofissional, com uma psicóloga e *coach* e um físico quântico. Todos abertos a analisar coletivamente suas próprias experiências pessoais e profissionais na busca de experimentar práticas pedagógicas, que possibilitassem conexões com o sentido maior de educar a si mesmo e ao outro, desenvolvendo propostas para a pedagogia sistêmica.

Foi um projeto para o pai e a mãe que habitava cada um de nós ali envolvidos em tudo isso. Fomos tecendo no meio as nossas próprias histórias, as histórias de tantos alunos e tantas famílias. Tornamos nos muitos! Já não estávamos mais sozinhos e nem tínhamos função definida! Eramos pais, educadores, terapeutas, cidadãos que querem dizer sim por um mundo como ele é (FIRACE, 2013, p.15).

A superação da escola que temos em vários espaços públicos e privados é necessária, pois encontramos práticas autoritárias, verticais, repressoras e silenciadoras. Normalmente, as salas de aula são arrumadas privilegiando o trabalho individual com carteiras enfileiradas, semelhante ao modelo militar convencional. O professor geralmente é o que fala, julga e dita às regras cabendo ao aluno somente escutar e obedecer. As escolas tradicionais podem ser

transformadas por meio da pedagogia sistêmica que é uma proposta educacional, espiritual e social que favorece um novo jeito de olhar, sentir e cuidar dos educandos. Permite também aos docentes um renascer do jeito de viver, através de uma formação sensível, intelectual, artística, filosófica, sociológica, psicológica, pessoal e profissional.

Favorece uma escola que propõe crescer no acolhimento da diversidade, no desenvolvimento do direito de biografar-se, um profundo reconhecimento das diferenças culturais e de orientações sexuais e étnicas. Inspira a construção de uma escola que desafia superar a ideia de turno x contraturno, uma educação integral, superar a ideia de disciplina para uma visão transdisciplinar, o trabalho do professor como um facilitador de atividades interessantes e significativas. Percebe a sala de aula para além de meros quadrados, com paredes intransponíveis, procura promover atividades extracurriculares para além dos muros da escola como uma oportunidade de fortalecer o vínculo comunitário com o entorno da escola. Visualiza a carga horária maior do que 45 ou 50 minutos, pois as atividades curriculares são espaços pedagógicos que fomentam vivências, organizando conhecimentos cognitivos e emocionais para além da própria disciplina.

A Pedagogia Sistêmica pode ocorrer na prática, quando nos dispomos a reconhecer a nossa própria história, a história do nosso povo, e dos nossos pais e honrá-los por eles nos terem possibilitado a maravilhosa experiência de vir ao mundo para nascer, crescer, evoluir, desenvolver-nos e aprendermos a ser humanos mais conectados conosco, com os nossos sonhos mais sublimes, com a consciência planetária que nos coloca em movimento para cuidar de nós, dos outros e do planeta. Em outras palavras, lembrando dos pilares para a educação do futuro, proposta no Relatório Delors/Unesco: aprender a conhecer, aprender a ser, aprender a conviver, aprender a fazer e aprender a apren-

der. A Pedagogia Sistêmica amplia esses pilares e inspira todos nós a aprendermos a resgatar valores e princípios ligados à cultura de paz, ao respeito mútuo e à cooperação. Aprender a conviver de uma maneira pacífica conosco e com o outro, por meio de: meditação, autoconhecimento, visualização, psicodrama, mediação de conflitos, práticas restaurativas, círculos de conversas e outras práticas sistêmicas. Aprender a fazer a construção respeitosa e restauradora dos nossos vínculos. Aprender a aprender como viver e amar, de uma forma que seja eticamente verdadeira, esteticamente bela, politicamente democrática e espiritualmente inclusiva, e assim, conjugar o verbo esperar na construção de um mundo melhor para todos.

A educação sistêmica desperta o coração para superar a ilusão de separatividade das coisas, dos conhecimentos, da ciência e da arte, e perceber a importância da conectividade e da cura social para realizar e promover o cuidado com a cidadania planetária, por meio de soluções práticas e simples. E dessa forma, honrar nossas raízes, nossas tradições e o nosso planeta, nos princípios da sustentabilidade e da interconectividade.

Como educadora, ao vivenciar na própria pele, no coração, no corpo e na mente essa experiência transfiguradora, isso me estimula a também favorecer o mesmo processo curativo para todos os estudantes que encontrar no caminho. Essa disciplina trouxe-me algumas relevantes perguntas: Como promover a Paz utilizando a Pedagogia Sistêmica? Em que medida as experiências exitosas de outros países e de outras salas de aula podem contribuir para a realização do meu trabalho atual, como educadora e coordenadora de articulação de mediação social, justiça restaurativa e cultura de paz?

As ações da pedagogia sistêmica podem ser utilizadas nas atividades de prevenção social para as famílias mais vulneráveis e o entendimento de como as tensões e os

conflitos que acontecem nas escolas são abordados e como podem ser solucionados, utilizando algumas metodologias que aprendemos ao fazer a leitura e adquirir saberes. Nesse caminho, busquei incorporar também os aprendizados relacionados ao protagonismo dos estudantes e professores que realizaram experiências com a Pedagogia Sistêmica e por elas foram transformados; especialmente as práticas vinculadas às vivências das histórias de vida dos alunos e do campo energético das suas famílias por meio de desenhos, poesias e outras artes e conhecimentos. A Pedagogia Sistêmica revela conhecimentos que, antes, não tinham sido acessados pelos alunos e professores para que eles sejam trabalhados, e dessa forma os estudantes possam sentir-se mais incluídos na sala de aula.

Para mim, essa disciplina possibilitou um ressignificar do meu jeito de estar presente no mundo, compreender a partir de experiências cujos padrões herdei dos meus pais, os quais descubro ao conhecer e reverenciar o que eles foram e são através de mim, vêm me permitindo ser mais autêntica, conhecer quem eu sou, a minha história, a minha árvore da vida genealógica, e, a partir dos meus ascendentes, e em respeito as suas memórias, construir por mim mesma a minha própria história. Em muitos momentos da disciplina senti-me no meio do rio, sem forças para seguir em frente e sem coragem para voltar à margem de que parti. Percebi a importância de silenciar, de ficar boiando para encontrar leveza, recuperar as forças e ativar a minha espiral ascendente.

Nasci de novo. Olhei meus pais que já faleceram, há muitos anos, com outro olhar, senti-os perto de mim quando vivi uma experiência profunda de perdão e reconciliação, e assim pude encontrar o meu lugar na minha família de origem, nas escolas em que passei, no meu local de trabalho e na família que estou construindo. Tive, em vários momentos, a sensação de desarrumar todo o meu quarto,

como tirar todas as roupas do guarda-roupa, revirar tudo, e as vezes ficar sem forças para arrumar do meu jeito. Ao silenciar, pude sentir que, devagarinho, sou capaz de conhecer quem sou, de onde vim, para onde vou. Senti que posso ser incluída num projeto maior, que me convida a amadurecer. Ser o que realmente sou, sem tirar e nem pôr na essência de ser um eterno aprendiz.

5. Como a Pedagogia Sistêmica pode ser utilizada em sala de aula

Nos três livros que estudamos na disciplina Educação e Espiritualidade, que focaram a Pedagogia Sistêmica, analisamos a importância de ouvir atentamente e de forma qualificada todos os alunos envolvidos no processo ensino e aprendizagem, nas diversas formas de expressão, tais como, desenhos, pinturas, poesias, redações e dinâmicas grupais. Recebemos orientações sobre a importância de cuidar das nossas palavras como instrumentos que podem, desde a tenra infância, colocar as crianças no movimento de inclusão ou exclusão nos grupos e sistemas que elas se inserem, desde a família, campo principal da formação de sentimentos, hábitos e atitudes, passando para o campo educacional e depois para o mundo.

Freire (1979) afirma em "Educação e Mudança" que somente quando o ser humano compreende sua realidade ele pode propor soluções na busca de transformá-las. Essa ideia está em consonância com o conceito de paz positiva, proposto por Jarez, a saber: A paz é portanto "um valor que está relacionado a todas dimensões da vida" (JAREZ, 2002, p. 131), está ligado ao conceito de justiça social e sustentabilidade, de direitos humanos e democracia, ao mesmo tempo que cuida de questões subjetivas e emocionais, integrando as diversas dimensões do nosso ser. Esse princípio propõe a prática do diálogo autêntico, guiado pelo acolhimento, pelo respeito ao

posicionamento do outro e pela escuta amorosa. Nesse mesmo sentido, retornamos à seguinte ideia de Freire:

Se, dizer a palavra verdadeira (que é trabalho, que é práxis), é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho ou dizê-la para outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra dos demais (FREIRE, 1987, p.29).

Como educadores trabalhando com a abordagem da Pedagogia Sistêmica, precisamos estar atentos às nossas palavras e tudo que expressamos, pois a palavra cura, recupera a paz, a autoestima, a autoconfiança e se bem utilizada pode transformar as nossas vidas trazendo um campo de possibilidades e poder para criar uma realidade ao nosso redor.

A cura vem do latim *curare*, que significa cuidar, restaurar a saúde. Podemos dizer também que curar é um profundo exercício de presença, de amor, de olhar. Para cuidar é preciso olhar, ver, dar atenção. Curar é recuperar um estado de felicidade, de harmonia, de paz que permite também encontrar boa solução para os sintomas físicos, permite encontrar e seguir o tratamento adequado (GUEDES, 2012, p.39).

Compreendi que a escola é o lugar da inclusão do sentimento de pertencimento e o professor precisa oferecer um ambiente para que os seus alunos possam expressar a sua dor. O professor é o adulto, e nesse sentido o maior e, portanto, aquele que serve, o maior deve servir, o maior é aquele que proporciona condições que permitem o perdão, a cura, o renascimento. O que temos de mais precioso é o nosso amor, a nossa generosidade, a compaixão para acolher, e assim, exercer o ato educativo, ensinar e aprender a amar pela palavra:

Nossas palavras, modo como as proferimos, o modo como construímos as afirmações, tem o poder de produzir saúde, cura, bem-estar, fortalecimento. O sábio Salomão entendia bem deste assunto e escreveu que as boas palavras são como favos de mel, doces para a alma, trazem cura para os ossos. Há o modo de falar que enfraquece, fragiliza, fragmenta, separa. E também, há modos mais eficazes de usarmos nossas palavras, de construirmos as frases e afirmações que vamos dizer ao outro ou a respeito do outro (GUEDES, 2012, p 91).

A Pedagogia Sistêmica pode ser utilizada para construir a paz em sala de aula por meio de palavras e ações. Buscando mais fundamentação para definição do que consideramos ser uma cultura de paz, encontramos na mesma sintonia as ideias de Matos (2006), que trazem uma forte influência de Paulo Freire.

Através da tolerância, do acolhimento, da aposta no potencial dos sujeitos integrais que somos nós e nossos jovens, sobretudo tendo como opção a educação dialógica, a prática pedagógica ético-amorosa redescobriremos e criaremos espaços de afetividade e conhecimento, para a construção efetiva de uma Cultura de Paz nas escolas (...) (MATOS, 2006, p. 174).

Outro autor que discute sobre a cultura para a paz é Boff (2008, p. 53) . Ensina que "a essa cultura de violência há que se opor a Cultura de Paz". E lança a seguinte pergunta: "Onde buscar inspirações para a construção de uma Cultura de Paz?" E ele mesmo responde: "Primeiro, na nossa própria vontade. Se não queremos a Paz, nunca alcançaremos. Em seguida é no próprio processo antropogênico, quer dizer, no processo pelo qual nos tornamos humanos dentro da evolução. " (BOFF, 2008, p. 36)

As reflexões do autor sobre o conceito "Cultura de Paz" fornecem subsídios para pensarmos o processo de

sencadeado neste pacto, visto que trabalha com valores, comportamentos e relações, que podem incentivar práticas no cotidiano da comunidade, "(...) a Paz não nasce por ela mesma. Ela é sempre fruto de valores, comportamentos e relações que são vividos (...)" (BOFF, 2007, p. 37). A Pedagogia Sistêmica também reconhece a escola como um espaço privilegiado de educação, de transformação, *locus* de desenvolvimento humano, da formação de princípios e valores, como afirma Matos (2010, p.28):

O trabalho com valores e conteúdos de natureza afetiva faz parte do aprendizado escolar. A afetividade, a amorosidade e a Paz podem ser aprendidas e cultivadas, como se aprendem outros conteúdos. O trabalho com Cultura de Paz precisa ser permanentemente fortalecido nas instituições em geral e, particularmente, nas escolas públicas.

Trabalhar fortalecendo uma cultura de paz por meio da Pedagogia Sistêmica possibilita-nos transformar o mundo, criando uma rede de construtores mais justos, solidários, por reconhecermo-nos irmãos, pertencentes a uma grande família. Como bem afirmou Joddy Willians, Prêmio Nobel da Paz (1997) por seu trabalho para a eliminação das minas terrestres: "A paz já não é uma expressão da vontade dos poderosos, mas uma expressão da vontade coletiva de se viver em paz. Todos juntos somos uma superpotência! "

Viver, construir, fortalecer a pedagogia sistêmica é um convite de amor para criar uma nova visão da educação para a paz, sabemos que tudo que pensamos, falamos, fazemos, escrevemos, atuam sobre nós, nossa família, nossa tribo, nossa sociedade e retornam para nós mesmos. Assim, ao cuidar de nós e de todos que encontramos pelo caminho, cuidamos do planeta terra e de todo o universo.

Referências

- BOFF, Leonardo. Bases para uma cultura de paz. IN: MAGALHÃES, Dulce. (org.) A paz como caminho. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007.
- _____. Espiritualidade: um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
- FIRACE, Tarso. Pedagogia Sistemática. *Depois da última curva do rio o começo: adulterar*. Goiás: Editora: Imensa Vida, 2013.
- FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 25. ed – Petrópolis: Vozes, 2008.
- FREIRE, Ana Maria Araújo. *Educação para a paz segundo Paulo Freire*. Revista Educação, Porto Alegre, ano XXIX, v.2, v. 59, pg. 387-393, maio/ago.2006.
- FREIRE, Paulo. *A educação e processo de mudança social* IN: Educação e Mudança. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.
- _____. *Ação Cultural para Liberdade*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1987.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1974.
- _____. *Educação e mudança*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1983.
- GUEDES, Olinda. *O que traz quem levamos para a escola? Pedagogia Sistêmica*. Curitiba: Editora: Appris, 2012.
- GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Aprender a educar para PAZ*. Goiás: Editora Rede da Paz, 2006.

GRICKSCH, Marianne Franke. *Você é um de nós? Percepções e soluções sistêmicas para professores, pais e alunos*. Patos de Minas: Editora: Atman, 2009.

HELLINGER, B. *Ordens do Amor. Um guia para o trabalho com constelações familiares*. (Cultrix).

JARES, Xésus R. *Educação para a paz: sua teoria e sua prática*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2002.

_____. *Educar para a paz em tempos difíceis*. São Paulo: Editora Palas Athenas, 2007.

MATOS, Kelma S. A. de. *Juventude, paz e espiritualidade: opção por uma prática educativa ético-amorosa*. IN: IBIAPINA, Ivana; CARVALHO, Maria Vilani (orgs.), *A pesquisa como mediação de práticas socioeducativas*. IN: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO. UFPI, Teresina: EDUFPI, 2006.

MATOS, Kelma S. A. de; CASTRO, Livia M. D. NASCIMENTO, E. Lima. *Semeando a paz: escolas e sujeitos em busca de valores*. IN: MATOS, Kelma S. A.; NASCIMENTO, V. S. e NONATO JUNIOR, R. *"Cultura de Paz: do conhecimento à sabedoria"*. Fortaleza: Edições UFC, 2008. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. *Algumas reflexões sobre a busca de uma atitude compreensiva na pesquisa em História da Educação no Ceará*. In: VASCONCELOS, José Gerardo e MAGALHAES, Antônio Germano. *Linguagens da história*. Fortaleza: Ed. UFC, 2003, Col. Diálogos Intempestivos, 07, p. 121-131.

Capítulo 08

EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE: reflexões sobre a pedagogia sistêmica e sua implicação na formação docente

Conceição Maria Alves Sobral¹⁴

Se você viver a pergunta talvez você gradualmente, sem se quer notá-lo, encontrará a si mesmo experimentando a resposta, em algum dia distante.

*Rainer Maria Rilke
(Cartas a um jovem poeta)*

1.Introdução

Este trabalho tem como objetivo realizar uma aproximação entre o conceito de pedagogia sistêmica e as concepções de uma formação docente pautada numa educação do sensível e do saber lúdico como elementos formativos à condição humana mais criativa, crítica e reflexiva.

O presente artigo foi construído, a partir das vivências e leituras realizadas na disciplina Educação e Espiritualidade, ministrada pela Profa Dra. Kelma Socorro Lopes de Matos, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará. Na condição de doutoranda na linha Educação, Currículo e Formação Docente, tive por objetivo refletir sobre a contribuição de uma cultura de paz para a formação humana e planetária. Para isso, foram estudados autores como Boff (2001) que traz o conceito de espirituali-

14 Professora Assistente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia DCHL – Campus de Jequié, Doutoranda no Programa de Educação FAGED – UFC, Mestra em Educação - Faculdade de Educação – UFBA, Pesquisadora no Grupo de Pesquisa Ludicidade e Educação - LED / UFC. E-mail: cmaria.sobral@gmail.com

dade como fonte de inspiração, de esperança e de capacidade de autotranscendência do ser humano; Gricksch (2009) que aborda a Pedagogia Sistêmica e as constelações familiares como proposta construtivista e humana, nas relações de professores pais e alunos; Maturana & Varela (2002) nos fazem pensar sobre a história dos fenômenos biológicos e humanos e sobre a nossa trajetória na face da terra, ou seja, ao recuperarem a nossa história biológica mostram que os fenômenos humanos são biológicos nas suas raízes, sociais nos seus fins, e mentais nos seus meios. Firace (2013), autor que trabalha com os princípios da pedagogia sistêmica, busca explicar as entidades, os fenômenos e situações a partir da totalidade das interações entre as partes relevantes para a existência de um todo.

As experiências e as vivências sentidas, pautadas na Pedagogia Sistêmica em alguns encontros permitem-nos inferir que cada pessoa está numa relação recíproca, de modos diversos, com o seu meio. Assim, pequenos impulsos podem trazer grandes mudanças, e vice-versa. E nessa perspectiva, nossas sensações e percepções, ideias e ações influenciam tudo e todos em nosso entorno, de alguma forma. Então, se construímos uma educação cunhada na cultura de paz, com ética e espiritualidade isso começa a fazer parte de uma nova ordem. É nisso que assentamos o nosso pensar ao entender que a pedagogia sistêmica e seus princípios têm uma ação fundamental quanto à educação contemporânea.

2. Educação e a Pedagogia Sistêmica

*Aprender é sinônimo de abrir a capacidade De viver
e de se realizar*
(Firace)

A educação ganha cada vez mais centralidade na sociedade contemporânea, visto que os avanços da microeletrônica, da biotecnologia e a globalização da economia e

do mercado delineiam um novo padrão de produção e organização do mundo do trabalho. (CASTELLS, 1999). Fatos esses que suscitam uma demanda mais elevada quanto ao nível de qualificação do trabalhador e um novo perfil de professor.

Diante desse cenário, novos saberes, novos conhecimentos vêm sendo imputados ao profissional de educação para atender as exigências das mudanças originadas no setor educacional, diante da possibilidade de uma formação docente que nos possibilite vivenciar situações mais humanas, dialógicas, de criação e de acolhimento. O sistema educacional vem redimensionando seus processos de maneira a possibilitar novas formas de aprender e ensinar, que desenvolvam competências para orientarem o ser humano ao lidar com os desafios atuais. Compreender e refletir sobre o conhecimento oriundo dessas relações e suas alternativas de gestão e disseminação é elemento importante para o desenvolvimento da sociedade. A atuação dos profissionais de educação, cunhada nessa perspectiva sistêmica com uma visão holística de homem e mundo, é condição essencial para a mudança interna que precisamos ter em busca do ser humano com uma visão crítica.

Não cabe mais uma formação docente díspare da formação humana, e sim uma que perpassa pela dimensão sensível, onde se dê um novo sentido à vida e abra novos campos de experiência e de profunda relação entre o ser humano e a espiritualidade. Boff (2001) afirma que a espiritualidade é a mudança que ocorre dentro de nós, ou seja, o ser humano é um ser de mudanças e transformações, pois nunca está pronto. Essas mudanças podem ser de ordem psíquica, física, social e cultural. Portanto, nessa trajetória urge uma formação que dialogue com a perspectiva de vida humana, em que cada um de nós interaja no/com o outro, contribuindo numa perspectiva de ensino e aprendizagem sistêmica, em que todos possam sentir pensar e agir

de maneira que a alegria e o respeito mútuo sejam grandes incentivadores dessa relação.

Como assevera Nóvoa (2002), não desvinculamos o eu pessoal do eu profissional e esse profissional da educação lida cotidianamente com medos, anseios, expectativas do outro e de si mesmo. Portanto, à formação docente deve estar vinculada à uma formação espiritual, sensível e lúdica. Vivemos em uma sociedade em que é imprescindível uma relação de acolhimento, afetividade e sensibilidade. Não cabe mais uma educação sem entender nossos pares (os alunos, os pais e professores), todos nós estamos nesse “barco”, que não pode ficar à deriva. Acreditamos que quando olhamos a família, a educação e o ensino com uma visão, há um novo campo vibratório epistemológico. Assim as famílias atuam na escola e a escola nas famílias.

A história de nossa família pertence-nos. Estamos a ela vinculados, ela é uma parte de nós e marca a nossa personalidade, com todas as forças e fraquezas que temos. A pedagogia sistêmica é uma corrente da psicopedagogia desenvolvida com base no trabalho de Bert Hellinger com constelações familiares, e posteriormente desenvolvidas por Marianne Franke Grisksh que adaptou suas percepções para a área educacional, desenvolvendo o que denominou campos de aprendizagem.

Esse novo paradigma vem sendo desenvolvido nos últimos anos em vários países, ampliando a visão significativa da relação escola-família, trazendo a possibilidade de criarmos, a partir da escola, um ambiente de inclusão, em que todos possam assumir os seus papéis, levando em conta os sistemas familiares, educativos e institucionais. Se algo caracteriza a pedagogia sistêmica é, justamente, a sua firme proposta de inclusão.

O que um de nós faz, atua sobre os outros membros de nosso grupo, o que atua no todo, atua de volta em nós mesmos. Madelung assevera (1996) que cada mudança,

em algum lugar, dá origem a uma mudança no todo. Sendo assim, as questões não devem ser tratadas de forma isolada ou parcial, e sim, de modo global/contextualizado, pois tudo está interligado. É um sistema, uma rede de situações, ações e reações.

Sobre o que é o pensar e ver sistematicamente, trazemos alguns achados de estudos citados por Gricksch (2009) dos cientistas Ernst von Glaserfeld, Heinz von Foerster e Humberto Maturana, que descreveram o pensamento e a visão sistêmica, no sentido da abordagem construtivista. Eles partem do princípio de que nós, humanos, não somos capazes de usar nossos cérebros para conhecer o mundo como ele é, de ver, sentir, ouvir, cheirar, tatear ou degustar algo como uma pedra, uma árvore ou uma pessoa.

A pesquisa cerebral moderna tem provado que mesmo os mais diminutos impulsos do mundo, tais como fótons, podem desviar nosso cérebro para uma condição produtiva, de tal forma que nosso cérebro cria algo e projeta algo no mundo exterior que denominamos de pedra, árvore ou ser humano. (GRICKSCH, 2009, p.84)

Ou seja, em princípio, não podemos saber como esses objetos são formados externamente - chamado de realidade consensual, pois, uma vez que os cérebros humanos comutam, constroem e criam de uma forma similar, é compreensível que experimentemos uma realidade similar.

Sendo assim, podemos supor que o sistema escolar consiste de tais elementos como prédios, carteiras, diretor, professores e alunos, pais e autoridades da educação, Secretaria de Estado da Educação e sociedade. Além disso, também percebemos a escola como "... uma rede fluente de ideias interativas e sendo assim esperanças interligadas" (GOOLISHIAN e ANDERSON, 1988). As percepções de como as unidades individuais do sistema são criadas podem sofrer constantes transformações, imputando a re-

núncia da ideia de estabilidade, ordem e controle que por muito tempo esteve conosco. Denotando a necessidade de recriarmos constantemente sistemas, como nesse caso, a escola.

Dessa maneira, o pensamento sistêmico ganha visibilidade e credibilidade no meio educacional onde inclui também o conhecimento de que o aluno e os professores estão conectados com suas famílias de origem, e portanto, com ideias e regras desse sistema. Assim, ser parte do sistema escola significa que a escola também faz parte de todos os sistemas familiares que estão conectados com ela ou, usando imagens, que as famílias de origem de todos os alunos e professores representam subsistemas de uma escola.

Nessa trajetória, entendemos que a pedagogia sistêmica é uma proposta de sociedade, ou seja, do ser humano que sente, pensa e age, e sendo assim contribui para uma sociedade mais justa, pautada por princípios e valores que corroborem em ações que permitam, conhecer, refletir, pensar e agir numa perspectiva de totalidade, respeitando a diversidade e ampliando a comunicação e o conhecimento entre todos.

3. Pedagogia Sistêmica e Formação Docente

Aprender é simultaneamente colocar o mundo dentro de si
E se colocar dentro do mundo.
(FIRACE, 2013)

A "Pedagogia Sistêmica" originou-se a partir dos trabalhos do filósofo e professor alemão Bert Hellinger. Sua carreira como missionário católico na África do Sul durante quase 20 anos, lecionando em escolas para os zulus, durante o regime do *apartheid* colocaram-no em uma perspectiva ímpar para identificar questões de conflito e consciência (KASPER, 2000). Seu desenvolvimento pessoal levou-o a

estudar e praticar uma vasta gama de abordagens psicoterapêuticas, a saber: psicanálise, análise transacional, hipnoterapia, Gestalt, esculturas familiares, análise de histórias.

Seus trabalhos o levaram a descobrir a natureza da consciência pessoal e certas leis inconscientes que ditam o comportamento humano em grupos familiares e sociais, aos quais denominou "ordens do amor". Mais tarde, diversos professores e pedagogos iniciaram a aplicação do método na área educacional, sendo a contribuição mais relevante feita inicialmente por Mariane Franke-Gricksch que escreveu o livro "Você é um de nós" (2009). Depois disso a abordagem difundiu-se pelos países de fala espanhola, especialmente o México e a Espanha.

A Pedagogia Sistêmica iniciou-se no ano 2000. Um novo enfoque, num novo milênio que se baseia no natural da vida e nos elementos que anteriormente não tinham sido observados no sistema que está inter-relacionado totalmente com outro: sistema educativo, sistema familiar e sistema social. Como menciona Marianne Franke-Gricksch, (2009) a transferência da visão sistêmica da terapia familiar para a docência permite perceber as pessoas não como indivíduos isolados, mas como parte de uma estrutura inter-relacionada.

Hellinger (2006) assinala que, de forma subconsciente, participamos da trama familiar e de seu destino coletivo. As constelações familiares permitem revelar o fato de que fazemos parte de uma grande alma que compreende todos os membros da família, sujeitos a uma ordem essencial. É preciso encontrar e respeitar tal ordem para que encontremos nosso lugar na nossa família, respeitando o destino dos outros membros. O respeito e o amor à família não são um sentimento, constituem uma postura baseada em princípios que geralmente não são conscientes. Nossa inclusão nessa grande alma é um senão, e nós nos encontramos su-

jeitos ao nosso destino familiar. Nisso baseia-se o enfoque sistêmico fenomenológico.

Hellinger (2006) assevera que a nossa consciência obedece a três leis naturais, observáveis em todos os grupos humanos, seja uma família, uma escola ou uma empresa. São elas: o pertencimento, a ordem hierárquica e o equilíbrio entre o dar e o tomar. Quando essas leis são violadas, surgem problemas no grupo, que inconscientemente busca restaurá-las.

É mote observar como traduzimos e integramos os princípios que sustentam a pedagogia sistêmica fenomenológica para que nos sirvam de orientação e de tarefa escolar como: - a importância da ordem; quem veio antes e depois - vínculo entre gerações (tanto para os alunos como para os professores); - a importância do lugar que cada um ocupa - funções, quem e como é o pai, mãe, professor, diretor, outros (os pais dão e os filhos recebem, os professores oferecem e os alunos tomam); - o valor da inclusão em contrapartida com as implicações da exclusão; em aula, na escola, como um espaço de comunicação em que todos tenham um lugar (pertencimento); - o peso das culturas de origem, que é a fidelidade ao contexto de onde viemos - o significado das interações; todos os membros de um sistema estão vinculados aos outros, irremediavelmente, o qual é especialmente interessante no sentido de que, quando um desses membros mostra algum tipo de sintoma, a razão de ser desse não está tanto na forma concreta, mas na informação que oferece ao sistema, de que há alguma questão que não resulta em função para o bem-estar coletivo e individual.

Um dos elementos da abordagem sistêmica é a capacidade de desenvolver com respeito a nossa percepção. Assim, para estarmos conectados com essa percepção, devemos conhecer nossas próprias origens, saber sobre os nossos vínculos e trazer à tona as identificações, as subs-

tuições e todas as cargas que configuram a nossa história. Se não fizermos isso, por alguma razão, ainda não tomamos o suficiente de nossos pais. Podemos sentir-nos demasiadamente superiores/arrogantes porque nos consideramos melhores que eles, dessa forma não vamos estar dispostos a investir nessa área, porque a nossa percepção está envolvida por ideias, conceitos, princípios e crenças, que nos impedirão de perceber o que acontece com a vida de nossos alunos e o tipo de interação que podemos estabelecer entre eles.

Com base nos textos de GRICKSCH (2009), GUEDES (2012) e FIRACE (2013) depreendemos que o uso de uma abordagem metodológica pautada nos princípios da pedagogia sistêmica na escola estrutura-se em quatro aspectos básicos para a função da escola: 1. Independente da maior ou menor complexidade e justificativa teórico-prático desse paradigma, trata-se de um planejamento claramente centrado nos objetivos fundamentais da escola, gerando um espaço orientado para o aprendizado e o bem-estar dos alunos. 2. Para que esses objetivos centrais possam desenvolver-se é indispensável que os pais dos alunos se sintam reconhecidos pela instituição e tenham um lugar de privilégio nela; deve existir uma declaração explícita no sentido de que a área educativa começa pelos pais e que eles dão seu consentimento para que a escola possa se ocupar de seus filhos, com respeito nos processos de aprendizagem. 3. A escola deve ser exclusivamente um espaço educativo, em nenhum momento um espaço terapêutico, apesar de que há certas intervenções sistêmicas com movimentos terapêuticos associados à educação. 4. No momento em que todos os protagonistas implicados na tarefa educativa (instituição, professores e os próprios pais) visarem, com responsabilidade, à direção da tarefa que lhes compete, os alunos aprendem e desenvolvem-se com mais facilidade.

Na Pedagogia Sistêmica nossas respostas não são fáceis e nem podem ser superficiais, tendo em vista a complexidade e a abrangência de sua tarefa formativa, formadora e, potencialmente, transformadora. Recuperamos a alegria por viver, e é essa força que acionamos na nossa prática docente. Enxergamos os alunos/sujeitos com empatia, entendendo suas particularidades e buscando compreender suas ações, reações. Principalmente, podemos contribuir com a sua formação humana e social. Nas vivências e atividades selecionadas, mobilizamos saberes e fazeres que comuniquem do saber lúdico e saber sensível como composição de uma prática do sentir, pensar e agir, entendendo o ser humano como um sujeito integral.

Usar o saber lúdico e o saber sensível nas práticas docentes é considerar a arte de ensinar como um ato de entrega, como um jogo sensível entre os pares envolvidos, articulando os conteúdos à dimensão do prazer, do humor e, por conseguinte, na alegria. É crer, enfim, na inteligência a serviço do bem-estar. Concordamos com a posição de Luckesi (2002) quando afirma que a ludicidade diz respeito a um fazer humano mais amplo, relacionado não apenas à presença de brincadeiras ou jogos, mas também a sentimentos e atitudes que se referem a um prazer de celebração em função do envolvimento genuíno com uma atividade. É uma sensação de plenitude que acompanha processos formativos significativos e verdadeiros.

Assim, a mobilização desses saberes e dessa pedagogia na educação está atrelada a um novo sentido assumido pela relação dialógica entre o sensível e o inteligível. As mudanças paradigmáticas, que implicam em uma nova visão do mundo, convidam os educadores a repensarem suas práticas pedagógicas na perspectiva de reencantar a educação.

4. Minhas Reflexões sobre a Pedagogia Sistêmica

Comovo-me em excesso, por natureza e por ofício.

Acho medonho alguém viver sem paixões.

Graciliano Ramos

Esse período de estudos da pedagogia sistêmica reverberou no meu processo formativo uma ação avassaladora, pois ao conhecer, interagir, pensar e refletir, a partir desses princípios epistemológicos mergulhei em questões profundas e intensas da minha própria existência humana.

Vivenciar aspectos da Pedagogia Sistêmica na disciplina Educação e Espiritualidade conectou-me com as minhas questões familiares-meus pais. Vi-me diante de mim mesma. Ou seja, deixei de enxergar apenas as partes, e passei a enxergar e escutar a totalidade da minha concepção/existência. Entendendo o papel e função de cada um dos membros da minha família, e sendo assim, compreendendo o que cabia a cada um nesse processo.

Confesso que logo após as vivências e leituras dos livros, a vontade inicial foi de abandonar e seguir o caminho de sempre. Mas o processo é de fato sistêmico e revelador, o que emergiu, na verdade, foi uma grande e intensa questão: como abandonar ou esquecer algo que é intrínseco ao meu ser? Como conviver ou viver sem encarar a totalidade da minha existência? Como lidar com as frustrações pessoais e profissionais e seguir? As lacunas podem e devem ser preenchidas? Isso demonstrou que fugir e/ou escamotear as questões pessoais não seria o melhor caminho a seguir. O que devo fazer é continuar e seguir firme, pensando e refletindo diante de cada leitura, de cada novo conceito, de cada encontro, das novas vivências e trocas que acontecem a cada dia, e que junto ao conhecimento epistemológico do tema surgiu na minha trajetória de vida a possibilidade do meu renascimento. Um renascimento do ser como pessoa

/ indivíduo, como mulher/ mãe / educadora, algo que vai além das questões profissionais, e que, portanto, contribui significativamente com a construção de uma pessoa com uma visão maior do ser humano, da sociedade, das relações e da vida.

Tudo isso se deu inicialmente no acolhimento feito por todos os pares, em que a suspensão acontecia acompanhada da sustentação do grupo. Diante das vivências realizadas, o sentimento mais sentido era o de acolhimento, gratidão, amor e respeito pelas "idiossincrasias" de cada um.

Ao finalizar os encontros, estudos e reflexões da disciplina (nada finito) assevero que ela foi preponderante no meu encantamento pela mulher, mãe e profissional que me tornei e venho me tornando ao longo da minha existência. Possibilitou-me o reencontro comigo mesma, e mais, libertou-me de um processo que não era só meu, deu-me a dimensão real do que me pertencia, e do que não me pertencia. Ao reverenciar meu pai e minha mãe, agradecendo o quão importante eles foram e, ainda são para a minha existência, libertei-me para viver a minha vida, contemplando todas as minhas conquistas e os meus desafios.

Compreendendo que não separamos o lado profissional do pessoal, intento que todas as vivências, reflexões e conceitos realizados durante esses meses na disciplina Educação e Espiritualidade, tendo como mediadora uma educadora que crê e pratica o sistema epistêmico no seu dia a dia, a professora Kelma Socorro Lopes de Matos corroborou com a visão que já tinha da ação docente, pautada em uma concepção do sensível e do lúdico em que as práticas docentes estão alicerçadas em uma ação de escuta sensível, e uma sensibilidade às necessidades físicas e afetivas dos nossos pares, sejam elas crianças, jovens e ou adultos.

Sabemos que as respostas não são fáceis e nem podem ser superficiais, tendo em vista a complexidade e a

abrangência de sua tarefa formativa, formadora e, potencialmente, transformadora. No texto, ora apresentado, intento conceber a pedagogia sistêmica como uma possibilidade real e libertadora, como uma prática em busca de uma sociedade mais justa, humana e solidária, Tais ideias precisam ser exploradas e debatidas a fim de ser concebido como possibilidade de pertencerem aos constructos de ser humano, de educação, família, sociedade, saberes, formação e da prática docente.

Referências

- BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Brasília: Editora Sextante, 2001.
- CASTELLS, M. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: paz e Terra, 1999.
- CRUZ, Helena Maffei. *Revista Nova Perspectiva Sistêmica*, Rio de Janeiro, n.41, p.65-84, dez.2011.
- DUARTE JR, J. F. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Curitiba: Criar Edições, 2006.
- HELLINGER, Bert. *Um lugar para os excluídos*. Patos de Minas, Atman, 2006.
- GUEDES, Olinda. *Pedagogia Sistêmica: o que traz quem levamos para a Escola?* Curitiba;
- GRICKSCH, Marianne Franke. *Você é um de nós*. Percepções e soluções sistêmicas para professores, pais e alunos. Tradução de Décio Fábio de Oliveira Júnior. 2ed. Revista Patos de Minas: Atman, 2009.
- GOOLISHIAN H. A. & H. ANDESRON (1988). *Constructivism, autopoiesis and problem determinde systems*.

The Irish Journal of Psychology 9(1): 130-143. Available at [HTTP://cepa.info/3770](http://cepa.info/3770)

FIRACE, Tarso. *Pedagogia Sistêmica: depois da última curva do rio, o começo: Adultecer*. Instituto Imensa Vida. Editora Abrindo Velas, 2013. 1ª edição.

LUCKESI, Cipriano. *Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna*. Coletânea Educação e Ludicidade - Ensaio 02, GEPEL, Programa de Pós-Graduação em Educação, FAGED/UFBA, Salvador, 2002.

MATURANA, Humberto & GERDA, Verden- Zöller. *Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia*. São Paulo: Athrna, 2002.

NÓVOA, A. *Os professores e as histórias de sua vida*. In: _____ (Org.). *Vida de professores*. Portugal: Porto Editora, 2002.

KASPER, Humberto. *O processo de pensamento sistêmico: um estudo das principais abordagens a partir de um quadro de referência proposta*. Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação da UFRGS, Porto Alegre, 2000.

HINO NACIONAL BRASILEIRO

Música de Francisco Manoel da Silva
Letra de Joaquim Osório Duque Estrada

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó Liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
“Nossos bosques têm mais vida”,
“Nossa vida” no teu seio “mais amores”.

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro desta flâmula
– Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

HINO DO ESTADO DO CEARÁ

Letra: Thomaz Pompeu Lopes Ferreira

Música: Alberto Nepomuceno

Terra do sol, do amor, terra da luz!	Tua jangada afoita enfune o pano!
Soa o clarim que a tua glória conta!	Vento feliz conduza a vela ousada;
Terra, o teu nome, a fama aos céus remonta	Que importa que teu barco seja um nada,
Em clarão que seduz!	Na vastidão do oceano,
- Nome que brilha, esplêndido luzeiro	Se, à proa, vão heróis e marinheiros
Nos fulvos braços de ouro do cruzeiro!	E vão, no peito, corações guerreiros?!
Mudem-se em flor as pedras dos caminhos!	Sim, nós te amamos, em ventura e mágoas!
Chuvas de prata rolem das estrelas...	Porque esse chão que embebe a água dos rios
E, despertando, deslumbrada ao vê-las,	Há de florar em messes, nos estios
Ressoe a voz dos ninhos...	Em bosques, pelas águas!
Há de aflorar, nas rosas e nos cravos	Selvas e rios, serras e florestas
Rubros, o sangue ardente dos escravos!	Brotem do solo em rumorosas festas!
Seja o teu verbo a voz do coração,	Abra-se ao vento o teu pendão natal,
- Verbo de paz e amor, do Sul ao Norte!	Sobre as revoltas águas dos teus mares!
Ruja teu peito em luta contra a morte,	E, desfaldando, diga aos céus e aos ares
Acordando a amplidão.	A vitória imortal!
Peito que deu alívio a quem sofria	Que foi de sangue, em guerras leais e francas,
E foi o sol iluminando o dia!	E foi, na paz, da cor das hóstias brancas!

**Mesa Diretora
2017-2018**

Deputado José Albuquerque
Presidente

Deputado Tin Gomes
1º Vice-Presidente

Deputado Manoel Duca
2º Vice-Presidente

Deputado Audic Mota
1º Secretário

Deputado João Jaime
2º Secretário

Deputado Júlio César Filho
3º Secretário

Deputada Augusta Brito
4ª Secretária



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

**INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O
DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ**

Inesp

Thiago Campêlo Nogueira

Presidente

Gráfica do Inesp

Ernandes do Carmo

Coordenador

Cleomarcio Alves (Marcio), Francisco de Moura,

Hadson França e João Alfredo

Equipe Gráfica

Aurenir Lopes e Tiago Casal

Equipe de Produção Braille

Carol Molfese e Mário Giffoni

Equipe de Diagramação

José Gotardo Filho e Valdemice Costa (Valdo)

Equipe de Design Gráfico

Lúcia Maria Jacó Rocha e Vânia Monteiro Soares Rios

Equipe de Revisão

Site: www.al.ce.gov.br/inesp

E-mail: inesp@al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-3701

Fax: (85) 3277-3707



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Assembleia Legislativa do Estado do Ceará
Av. Desembargador Moreira 2807,
Dionísio Torres, CEP 60170-900, Fortaleza, Ceará,

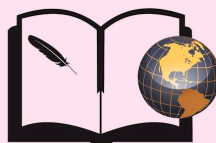
Site: www.al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-2500

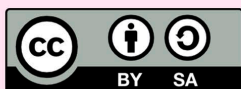
Fazer a educação dos conhecimentos cognitivos, e torna-los *Fazer Educativo* na rotina das transposições de conhecimentos históricos, tanto para professores quanto para estudantes suscitará várias modalidades didáticas e um currículo que corresponda aos desafios sociais, políticos e culturais frente a atual conjuntura do Estado Brasileiro. Os desafios à sociedade brasileira em sua diversidade regional e de características peculiares, frente à organização metodológica da educação, em que a política partidária determina o que se deve ensinar e o que se deve aprender a *Coleção do Fazer Educativo*, nesta etapa, composta por coletâneas de artigos produzidos por pesquisadores docentes e discentes de cursos de pós-graduação stricto-sensu e lato sensu tem por objetivo, apresentar os caminhos e descaminhos percorridos pelas propostas para o desenvolvimento da educação no Brasil. A *Coleção do Fazer Educativo* como projeto de ampliação dos olhares didáticos para as concepções pedagógicas, tem por meta, a transformação e transposição de conhecimentos em vista da justiça social, a partir das avaliações dos contextos atuais das instâncias educacionais. Esta coleção em sua variedade de temas enseja segundo os organizadores chegar às mãos de profissionais da educação e comunidade escolar para que os conteúdos definidos de forma simples tenham alcance múltiplo nos sistemas de ensino e para que o fazer-didático docente possa está amparado por bases teóricas sólidas. O *Fazer Educativo*, portanto, requer dos/as docentes decisões de embarcar na história social e política da educação. É um convite ao ponto crucial do que se pretende realizar com e para os/as educandos/as, pois, educar pressupõe amar-se e amar. Dar e receber. É educar para um mundo de tomada de decisões, de participação e construção de uma nova sociedade em que as sementes da dignidade, do respeito e do amor, nasçam, floresça e dê os frutos de prosperidade.



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ



INSTITUTO SUPERIOR
DE ENSINO SEM
FRONTEIRAS - ISESF



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará